



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Fábio Emanuel Duarte Oliveira

**O MÉTODO EXPOSITIVO NO PROCESSO
DE ENSINO APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS
MUSICAIS: TRADIÇÃO OU INOVAÇÃO?**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Fábio Emanuel Duarte Oliveira

**O MÉTODO EXPOSITIVO NO PROCESSO
DE ENSINO APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS
MUSICAIS: TRADIÇÃO OU INOVAÇÃO?**

Relatório de estágio
Mestrado em Ensino de Música

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Elisa Maria Maia da Silva Lessa

julho de 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à nossa orientadora e supervisora de estágio, Professora Doutora Elisa Lessa, que sempre nos motivou, incentivou e ajudou na realização do mesmo.

Agradeço ao Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga pela forma que nos aceitou e acolheu nas suas instalações.

Aos professores cooperantes, que desde logo nos ajudaram na nossa integração com a escola e foram incansáveis no aconselhamento das práticas pedagógicas.

Aos alunos que se mostraram sempre motivados e dispostos em aprender.

Aos meus pais, porque sem eles a realização do mestrado não seria possível.

À minha companheira, que nos momentos mais difíceis me motivou e apoiou na sua realização.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

.

.

O MÉTODO EXPOSITIVO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DAS CIÊNCIAS MUSICAIS: TRADIÇÃO OU INOVAÇÃO?

RESUMO

Inserido na Unidade Curricular de Estágio Curricular do 2º ano do Ciclo de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre em Ensino da Música, o presente relatório de estágio supervisionado intitula-se *O método expositivo no processo de ensino-aprendizagem das Ciências Musicais: tradição ou inovação?* e foi realizado nos Grupos de Recrutamento M30 (História e Cultura das Artes) e M28 (Formação Musical).

O método expositivo tem vindo a ser criticado por uns e apreciado por outros, sendo simultaneamente o mais usado e o mais contestado no seio académico. As críticas apontam para o facto de ser um modo de ensino em que o professor é o centro das atenções e os alunos meros recetores de conhecimento. A questão que se coloca é se este método não poderá contribuir para uma efetiva aprendizagem dos conteúdos na disciplina de História e Cultura de Artes. Em que consiste afinal o método expositivo? A natureza das disciplinas exige ou não métodos de ensino diferenciados? Será que os alunos são apenas recetores de informação, segundo este método? Ouvir o professor é para os alunos um fator motivador ou desmotivador de aprendizagem? Estas são algumas das questões que serão abordadas e analisadas ao longo do presente trabalho. Na pesquisa empírica realizada foi aplicada uma metodologia de ensino próxima do chamado método expositivo, em que o diálogo com os alunos prevaleceu na aprendizagem.

Palavras-chave: Inovação, Método expositivo, Tradição

THE EXPOSITIVE METHOD IN THE TEACHING/LEARNING PROCESS IN MUSIC THEORY: TRADITION OR INOVATION?

ABSTRACT

Included in the curricular internship unit of the 2nd year of the Cycle of Studies that leads to the Master's Degree in Music Teaching, the present supervised internship report is titled "The expository method in the teaching-learning process of Musical Sciences: tradition or innovation?" and it was carried out in the Recruitment Groups M30 (History and Culture of Arts) and M28 (Music Education).

The expository method has been criticized by some and appreciated by others, being simultaneously the most used and the most contested method in academia. Criticisms points to the fact that it is a teaching method where the teacher is the center of attention and the students are just receivers of knowledge. The question that arises is whether the expository method could not contribute to effective learning of the contents of the curricular unit of History and Culture of Arts. What does the expository method consist of? Does the nature of the subjects require different teaching methods or not? Are students just receivers of information, according to this method? Is listening to the teacher a motivating or demotivating learning factor for students? These are some of the questions that will be addressed and analyzed throughout this work. In the empirical research that was carried out, a teaching methodology similar to the so-called expository method was applied, in which a dialogue with the students prevailed during the learning process.

Keywords: Innovation, Expository Method, Tradition.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
ENQUANDRAMENTO TEÓRICO	3
1. MÉTODO EXPOSITIVO.....	3
1.1 INTRODUÇÃO HISTÓRICA DO MÉTODO EXPOSITIVO.....	3
1.2 PROBLEMÁTICAS DO MÉTODO EXPOSITIVO.....	5
1.3 DEFINIÇÃO DO MÉTODO EXPOSITIVO.....	7
1.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS	8
1.5 O MÉTODO EXPOSITIVO NAS CIÊNCIAS MÚSICAIS	12
1.6 SER PROFESSOR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	13
1.7 FUNÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	14
1.8 PROPOSTAS DE UMA BOA AULA EXPOSITIVA – MÉTODO EXPOSITIVO DIALOGANTE	15
1.9 MÉTODOS ATIVOS EM SUBSTITUIÇÃO DO MÉTODO EXPOSITIVO	18
2. INQUÉRITO	21
2.1 RESULTADOS.....	21
2.2 Grupo I	21
2.3 Grupo II	27
3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	34
3.1 CONTEXTO GERAL DE INTERVENÇÃO.....	34
3.1.1 HISTÓRIA E CARATERIZAÇÃO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN DE BRAGA	34
3.1.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS ALVO DE INTERVENÇÃO.....	35
3.1.2.1 DISCIPLINA: HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES.....	35
3.1.2.2 DISCIPLINA: FORMAÇÃO MUSICAL	36
3.3 OBSERVAÇÃO DE AULAS	37
3.3.1 PRINCÍPIOS DA OBSERVAÇÃO DE AULAS.....	37

3.3.2 ANÁLISE DAS GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	38
3.3.2.1 HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES	38
3.3.2.2 FORMAÇÃO MUSICAL	39
3.4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	41
3.4.1 HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES.....	41
3.4.2 FORMAÇÃO MUSICAL	55
CONCLUSÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXOS.....	69

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Gostas da disciplina de História e Cultura das Artes?	21
Gráfico 2: Se sim, porquê?	22
Gráfico 3: Se não, porquê?	22
Gráfico 4: Como são as aulas de História e Cultura das Artes?	24
Gráfico 5: Coloca por ordem de preferência de 1 a 6, sendo o nº 1 o que mais gostas e o nº 6 o que menos gostas de fazer nas aulas de História e Cultura das Artes.	25
Gráfico 6: O que mais cativa nas aulas de História e Cultura das Artes.	26
Gráfico 7: Para ter sucesso na disciplina de História e Cultura das Artes é preciso.	27
Gráfico 8: Gostas de ouvir excertos musicais?	28
Gráfico 9: Como preferes ouvir os excertos musicais? Coloca por ordem de preferência de 1 a 4, sendo o nº1 o que mais gostas e o nº 4 o que menos gostas.	28
Gráfico 10: Gostas de observar PowerPoint durante as aulas?	29
Gráfico 11: Se sim, porquê?	30
Gráfico 12: Se não, porquê?	30
Gráfico 13: Gostas de realizar trabalhos de grupo?.....	31
Gráfico 14: Se sim, porquê?	31
Gráfico 15 Se não, porquê?	32
Gráfico 16: Qual destes materiais usas como apoio ao estudo, na preparação dos testes?.....	33

Índice de Imagens

Imagem 1: L. V. Beethoven (1770 – 1827).....	47
Imagem 2: Árvore genealógica da família do compositor.....	48
Imagem 3: O compositor na sua infância.....	48
Imagem 4: Imagens da casa de Beethoven em Bonn (Alemanha)	48
Imagem 5: Friedrich Maximilian Klinger (1752 - 1831)	49
Imagem 6: Jean Bertaux (1747 – 1818) - A ocupação do Palácio de Tuileries.....	49
Imagem 7: Manuscrito do testamento de Heillingstad (1802).....	50

Índice de Quadros

Quadro 1: Planeamento de Aula - História e Cultura das Artes.....	41
Quadro 2: Fontes Documentais - História e Cultura das Artes.....	42
Quadro 3: Organizador e Objetivos - História e Cultura das Artes.....	44
Quadro 4: Estratégias a Implementar - História e Cultura das Artes.....	46
Quadro 5: Citações Históricas - História e Cultura das Artes.....	53
Quadro 6: Audições - História e Cultura das Artes.....	55
Quadro 7: Planificação de Aula (nº 1) - Formação Musical.....	56
Quadro 8: Fontes Documentais – Formação Musical.....	57
Quadro 9: Atividade 1 (aula 1) - Formação Musical.....	57
Quadro 10: Atividade 2 (aula 2) - Formação Musical.....	58
Quadro 11: Planificação de Aula (nº 2) - Formação Musical.....	59
Quadro 12: Atividade 2 (aula 2) - Formação Musical.....	60
Quadro 13; Planificação de Aula (nº 3) - Formação Musical.....	61
Quadro 14: Atividade 1 (aula 3) - Formação Musical.....	62
Quadro 15: Atividade 2 (aula 3) - Formação Musical.....	63
Quadro 16: Atividade 3 (aula 3) - Formação Musical.....	63

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema apresentado surgiu durante a nossa formação enquanto alunos do Mestrado em Ensino de Música e após uma reflexão individual analítica e crítica sobre o nosso percurso académico até ao momento.

A reflexão incidiu em primeiro lugar nas nossas vivências enquanto alunos das disciplinas de História e Cultura das Artes e Formação Musical no ensino básico e secundário, nas quais conseguimos concluir que as aulas eram maioritariamente expositivas, umas mais centradas na transmissão de conhecimentos, professor – aluno, e outras mais dialogantes, professor-aluno, aluno – professor. Sem dúvida, recordamos as aulas onde havia lugar ao diálogo, onde tínhamos oportunidade de expressar as nossas ideias e pensamentos ao professor.

Num segundo plano da nossa reflexão, analisamos as aprendizagens que obtivemos sobre as metodologias de ensino nas disciplinas do mestrado. Confrontados com as pedagogias e metodologias estudadas interrogamo-nos sobre duas questões: será o método expositivo uma metodologia tradicional? Será que o método expositivo não poderá ser um bom recurso para a aprendizagem?

Em terceiro lugar, a partilha que fomos realizando ao longo do mestrado com colegas e professores, reflexões que maioritariamente estavam relacionadas com estratégias e metodologias de ensino em sala de aula, surgiram algumas problemáticas, designadamente o nosso papel enquanto professor, que estratégias devemos implementar, como podemos motivar os alunos, qual a natureza das disciplinas que lecionamos ou vamos lecionar. Este conjunto de problemáticas conduziu-nos a uma última questão: Poderá o método expositivo ser uma alternativa confiável para a aprendizagem e progresso dos alunos?

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos: contextualização teórica, análise de dados, intervenção pedagógica e conclusão.

Na contextualização teórica abordamos numa visão mais pormenorizada sobre algumas questões já anteriormente apresentadas, o significado do método expositivo, como surgiu, quais as suas vantagens e desvantagens, como pode ser utilizado um método tradicional de forma inovadora. O segundo capítulo, análise de dados, consta de um inquérito aos alunos do ensino secundário da disciplina de História e Cultura das Artes objeto de análise posteriormente. O terceiro capítulo, de intervenção pedagógica, incide na apresentação da escola, observação de aulas e caracterização das turmas onde o

projeto foi realizado seguido, do processo de intervenção pedagógica nessas mesmas turmas. Por fim, apresentamos as nossas conclusões do estudo apresentado.

ENQUANDRAMENTO TEÓRICO

1. MÉTODO EXPOSITIVO

1.1 INTRODUÇÃO HISTÓRICA DO MÉTODO EXPOSITIVO

Os métodos de ensino usados pelos professores na sala de aula têm sido alvo de debates por parte dos especialistas da área da Educação, e um dos mais debatidos é o ensino expositivo.

“Nos dias de hoje, agentes educativos, instituições e personalidades dos mais variados sectores da sociedade discutem a escola, debatem metodologias, criticam modelos pedagógicos, problematizam os espaços educativos, questionam a formação de professores, isto é, o ensino assume-se como tema de controvérsia e assunto de pública visibilidade na generalidade dos “média” (Moreira, 2001, p.33).

Durante a nossa infância, ouvimos histórias dos nossos familiares do tempo em que eram estudantes, partilhavam connosco as experiências vivenciadas na escola do seu tempo, principalmente em sala de aula, as quais escutávamos com bastante atenção e entusiasmo. Nessas histórias, as palavras *“respeito pelo professor”* estavam sempre presentes, o que nos indica que o docente era a figura central, órgão que deveriam respeitar, pois era este que detinha e transmitia todo o conhecimento, mas o que mais chamava a atenção, eram as características do espaço físico e a ação que se desenrolava em sala de aula. Segundo eles, as salas eram organizadas por filas de carteiras e as paredes eram decoradas por fotografias das personalidades históricas portuguesas, já no plano da ação, o formador utilizava o poder da sua cátedra em cima de um estrado de madeira, numa posição mais elevada do que os alunos, falando e gesticulando a matéria que teriam de aprender. Também referiam os castigos severos a que eram submetidos, poderiam ser por, desrespeitarem o professor, mau comportamento, não saberem determinado tipo de assunto ou por não realizarem os trabalhos de casa.

O método expositivo surgiu a partir da revolução industrial do século XIX, as escolas eram obrigadas a realizar um tipo de ensino baseado no treino da memória e das competências técnico-profissionais.

“Desde os finais do século XIX que se intensificaram as críticas à escola tradicional que se fundira com a Revolução Industrial e que impunha nas escolas um ensino baseado no treino da memória e das competências” (Bernardes, 2015, p. 2).

Até ao final do séc. XX, o professor era quem mantinha a disciplina na sala de aula através do poder da cátedra, era a figura a respeitar, o órgão máximo, o centro das atenções, alguém a quem os alunos deviam estar sempre de olhos postos a ouvir, figura que detinha todo o conhecimento. As salas de aula eram silenciosas, os alunos sentados nas suas carteiras fixavam-se atentamente no professor, que em cima de um estrado de madeira transmitia todo o conhecimento aos seus discentes, enquanto estes se limitavam a ouvir. O respeito pelo professor era de tal ordem, que para um aluno se dirigir ao docente teria de esperar pela sua autorização e muitas das vezes eram aplicados castigos físicos devido à falta de disciplina e conhecimento.

“Com algum esforço o professor mantinha a disciplina dos alunos e o controle da sala de aula respaldado no poder da cátedra que representava. Sua figura emanava um respeito soberano que se fazia ouvir no silêncio que acolhia na sala (...) O respeito esse impunha no temor do ignorante diante da sabedoria do mestre e lavava o aluno (sem luz) a ouvir silenciosamente, até que recebesse autorização expressa para falar. Muitas vezes foram aplicados castigos físicos e suspensões como reprimenda educativa frente a comportamentos indesejados. As aulas se encerravam somente com a decisão do professor, após o soar da campainha. Saindo em silêncio, os alunos despediam-se respeitosamente levando consigo a tarefa de casa, exercícios e leituras que deveriam preparar para a sala de aula seguinte para acompanharem o curso.” (Suaia, 2008, p.2).

Esta era uma época em que Portugal estava emerso numa ditadura militar imposta por António de Oliveira Salazar (1889 – 1970), pela documentação histórica quer seja em documentos escritos ou em relatos das pessoas que enfrentaram esses tempos, sabemos que a grande maioria das famílias portuguesas para além das perseguições políticas, privação da liberdade de expressão e problemas financeiros sérios, uma parte muito significativa da população era analfabeta.

“O governo da Ditadura Militar e, posteriormente, o Estado Novo irão implementar medidas para contornar os baixos índices de alfabetização da população portuguesa. Mas, apesar desta atitude, em 1950, quando comparado com a maioria dos países europeus, Portugal continuava a apresentar uma elevada taxa de analfabetismo, sendo a discrepância ainda mais evidente relativamente aos países mais desenvolvidos no norte da Europa” (Campos, 2001, p. 1).

A educação familiar, transmitida em casa pelos pais, estava relacionada com o que se pretendia no meio escolar. Em casa, os educadores eram extremamente autoritários, aplicavam várias regras rígidas e exigiam respeito do seu filho pelo desconhecido, desconhecido esse a quem chamamos de professor.

“O modelo da educação familiar da época harmonizava com a escola daquele tempo. Oferecendo em casa uma disciplina condizente com o comportamento desejado na escola e com um rígido protocolo” (Suaia, 2008, p.2).

Com o passar dos anos, os tempos vão-se modernizando e por consequência assistimos à criação de um tipo de aluno diferente daquilo a que estavam habituados os pais e os professores. Nalguns casos o jovem estudante já detinha uma maior formação que os próprios progenitores, era alguém que procurava fugir à educação tradicional, encontrando novos caminhos. Serão os professores a sentir verdadeiramente esta mudança.

1.2 PROBLEMÁTICAS DO MÉTODO EXPOSITIVO

Como já referimos anteriormente, no método expositivo o professor é o centro da ação, o transmissor dos conhecimentos, o disciplinador na sala de aula. Com a evolução temporal, nasce um novo tipo de aluno, que vai exigir dos professores mudanças na forma de ensinar, e uma das maiores dificuldades que irá atormentar a classe docente é a forma como podem cativar a sua atenção.

As mudanças do professor expositivo durante o decorrer dos anos foram notórias, sendo que o docente até ao final do século XX era autoritário, detinha o controlo absoluto sobre a sala de aula, pois o mesmo era o detentor do conhecimento, enquanto o professor do século XXI, tenta motivar e atrair a atenção dos alunos:

“(…) até ao final do século XX, com algum esforço o professor mantinha a disciplina dos alunos e o controle em sala de aula respaldado no poder da cátedra que representava (...) Na transição para o século XXI, em tempos de Internet e comunicação multimídia, todo o professor de aula expositiva passou a enfrentar o desafio crescente de atrair e reter a atenção de seus alunos (...)” (Suaia, 2008, p.3).

Os professores atualmente não concordam com a condução das suas aulas através do método expositivo, reconhecendo que a mudança é necessária.

“É cada vez maior o número de professores cansados de lecionar aulas expositivas e que já reconheceram a necessidade de mudança de comportamento em sala de aula. Por desconhecerem soluções eficazes e temerem trabalho adicional frente à mudança, muitos limitam a exercer seu poder professoral para controlar o tradicional processo de ensino” (Suaia, 2008, p. 3).

Todavia, alguns dos professores que defendem o não uso do método expositivo, contradizem-se, pois, este está habitualmente presente nas suas aulas. Na verdade, não se pode culpar um método de ensino pela falta de motivação, imaginação, criatividade, opinião e resultados académicos por parte dos discentes, mas deve-se antes perguntar se o professor está a usar esse método da melhor forma.

“A exposição foi vista como o pior dos métodos de ensino correspondendo necessariamente, na opinião pública explícita dos docentes (que nem sempre corresponde a implícita e muitas vezes é contraditória com as práticas), a conservadorismo e imobilismo pedagógico (...) Não são os métodos em si que são ativos ou passivos, mas o uso que o professor é capaz de fazer deles, consoante os diferentes objetivos que pretende” (Roldão, 1987, p. 19).

Joaquim Mendes Moreira, numa comunicação apresentada no ciclo de colóquios “Estado da História”, realizado no anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras do Porto a 4 de abril de 2001, fez uma análise das aulas de História através de um inquérito lançado em Portugal a 1200 alunos em 1995, afirmando:

“Com efeito, considera-se (e consta-se) que o tipo de aula que predomina é o expositivo aberto, ou seja, no contexto das aulas nas nossas escolas a exposição do professor alterna com a atividade através de documentos escritos, iconográficos e audiovisuais (...) No fundamental as práticas docentes mais correntes baseiam-se na transmissão do modo mais fácil e rápido, de abundante informação aos alunos “ (Moreira, 2001, p. 34).

Arlindo Oliveira (2019), num artigo de opinião escrito para o jornal Público, no dia 2 de dezembro de 2019, intitulado “O Impacto da Revolução Tecnológica na Educação”, refere qual o maior problema da utilização do método expositivo em sala de aula. Como já foi referido anteriormente, o método expositivo surge da revolução industrial do século XIX, com isto surge um sistema educativo modernizado, que obriga a escola a realizar uma educação em massas “onde turmas de alunos com idades semelhantes adquirem um conjunto de competências muito semelhantes definidas por currículos padronizados (...) por vezes designado de modelo fabril”. Hoje este modelo encontra-se completamente desajustado à nossa realidade, devido à facilidade com que os alunos têm acesso a informação através dos meios tecnológicos, sendo perceptível a evolução tecnológica que ocorreu nos últimos 20 anos, o aluno de hoje, tem acesso a vários tipos de informação, conseguindo comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, desencadeando um choque entre a nova realidade de casa com o velho modelo escolar.

“A profundidade do conhecimento não perdeu importância, mas tornou-se mais relevante ter a capacidade de procurar informação adicional e específica sobre determinados temas do que

memorizar dados específicos, métodos ou algoritmos” (Oliveira, 2019, *O Impacto da Revolução Tecnológica na Educação*, Público)

1.3 DEFINIÇÃO DO MÉTODO EXPOSITIVO

António Mão de Ferro, especialista em formação pedagógica, define assim o ensino expositivo:

“Podemos definir o Método Expositivo como aquele em que o formador desenvolve oralmente um assunto, dando todo o conteúdo, isto é, a informação de partida, a estruturação do raciocínio e o resultado. Na medida em que a comunicação é descendente, do formador para o formando, este não passa na maior parte dos casos de um agente passivo. Também costuma ser denominada por “sessão de curso” “método tradicional”. (Ferro, 2004, p. 6)

A aula expositiva tem como principal característica a utilização e transmissão de informações, comunicação que se inicia no transmissor (professor) que por sua vez é direcionada ao recetor (alunos) tendo como principal objetivo a aprendizagem de determinados conhecimentos. Os princípios da exposição incidem em três pontos cruciais, em primeiro lugar a apresentação de temáticas e conhecimentos aos alunos que é feita através da exposição, professor-aluno, que visa preparar o discente para aprendizagens futuras, o que por sua vez pode deliberar motivação para um determinado conhecimento, estabelecendo assim uma relação de interesse tanto ao discente como ao formador, sendo a mesma importante para estabelecer o segundo ponto, apresentação aos alunos dos objetivos a serem alcançados e estratégias que serão utilizadas na disciplina, demonstrando a toda a classe o que é pretendido e como vai funcionar a aula, em último lugar as estratégias implementadas para determinada aprendizagem de conhecimentos e a sua respetiva análise, que visa o professor como principal catalisador, cujo o objetivo deve ser prender a atenção dos alunos em aspetos fundamentais de algum tema, analisando posteriormente se estas surtiram o efeito desejado. (Godoy, 2000, pp. 76 - 77),

Por sua vez, António Mão de Ferro (2004, p. 16) divide a aula expositiva em cinco parâmetros. O “conteúdo”, em que o aluno é o recetor de toda a informação relacionada com as várias questões do saber, através de conhecimentos teóricos; a “autoridade”, sendo o professor o principal transmissor de conhecimento, este é a autoridade na sala de aula; as “sessões”, aulas coletivas, em que todos recebem a informação no mesmo lugar e ao mesmo tempo; a “Aquisição” que pode ser variável, sendo que alguns alcançam bons resultados e outros ficam aquém do pretendido; os “Formandos”, recetores de

informação, que devem estar sempre atentos; e o “Relacionamento” bastante formal, com alguma distância entre professor e aluno.

1.4 VANTAGENS E DESVANTAGENS

Após referirmos o significado do método expositivo, partiremos agora para as vantagens e desvantagens da sua utilização em contexto de sala de aula, tendo como base as ideias de autores já referidos anteriormente.

Vantagens:

- a)** O professor coordena a matéria das suas aulas;
- b)** Grande capacidade de desenvolvimento de ideias e pensamentos;
- c)** Capacidade de economizar tempo aos professores e de fácil preparação, podendo num curto espaço de tempo transmitir uma grande variedade de informações.
- d)** Possibilidade de utilização de meios tecnológicos;
- e)** Estruturação significativa de aprendizagem;
- f)** Boa escolha para meios que não obtenham muitos recursos;
- g)** Facilidade para alunos que aprendam mais a ouvir do que a ler;
- h)** Possibilita o aluno a ser motivado pelo professor quando há uma base de conhecimento sobre alguma informação.

Desvantagens:

- a)** Pouca participação dos alunos;
- b)** Dificuldade na motivação dos alunos;
- c)** Risco de alguns formandos terem uma atividade reduzida;
- d)** O feedback do professor ao aluno não é feito de forma continua;
- e)** A classe é tida com um grupo só, não tendo em conta que há vários tipos de aluno que possuem aprendizagens diferentes;
- f)** Limitado no facto de alguns alunos não terem conhecimentos prévios;
- g)** Não ajuda no desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas;
- h)** Impossibilidade do professor realizar a função de avaliação.

Após sintetizarmos os aspetos positivos e negativos, importa agora realizar uma análise relativamente aos itens apresentados.

Começando pelas vantagens, um dos pontos que nos chama a atenção é o professor enquanto coordenador da matéria das suas aulas, cabendo ao docente, antes de entrar no plano da ação, sala de aula, um “planeamento cuidadoso em termos curriculares e de definição de atividades” (Morgado, 2004, p. 52), planear quais conteúdos a lecionar, estratégias a adotar, materiais a usar e o principal, na nossa perspetiva, o estudo pormenorizado prévio dos conteúdos a lecionar, só depois partiremos para a arte de ensinar e “ensinar significa fazer aprender” (Roldão, 2009, p. 46). O mestre é o principal condutor que leva os alunos ao sucesso, o agente que proporciona o desenvolvimento de ideias e pensamentos em sala de aula, este processo de aprendizagem realiza-se através da absorção do discurso argumentativo do formador perante os seus formandos, proporcionando a construção e reflexão de determinados pensamentos, que posteriormente numa interação/dialogo aluno-professor, tendem a fazer o mesmo. (Ribeiro, 2012, p.70).

Este é também um método que poderá ser utilizado pela classe docente quando estes tendem a economizar tempo nas suas aulas, devido às várias particularidades que existem hoje na atividade docente como por exemplo, a falta de tempo para cumprir programas e as dificuldades em organizar atividades de ensino-aprendizagem (Monteiro, 2003, p. 116), conseguindo assim, transmitir uma maior quantidade de informações a toda a classe. Além disso, podem ainda expor mais do que os conteúdos o exigem, uma das propostas apresentadas por Ribeiro (2012) para esse feito é “introduzindo a arte de contar histórias (episódios, fait divers, meras curiosidades)” (p. 72) o que proporciona ao professor o envolvimento da sala de aula num ambiente comunicativo e atrativo. Dependendo dos espaços, poderá também ser útil para aqueles que não ofereçam muitos recursos, como por exemplo a escassez de meios tecnológicos.

A estruturação significativa da aprendizagem numa aula expositiva é possível quando esta produz o efeito pretendido e para isso, a exposição deve estar interligada desde o conhecimento já adquirido com a nova informação, (McKeachie, 2001, citado em Ribeiro, 2007, p. 6), o que vai de encontro com a teoria de Bruner, as aprendizagens podem ser construídas através das bases de conhecimento do presente como também do passado (Raposo, 1995, citado em Ribeiro, 2007, p. 6), o professor ao transmitir informação deve ter em consideração o conhecimento que os aprendizes já dispõem sobre determinado assunto.

Um das desvantagens apontadas é a falta de participação dos alunos em sala de aula, segundo Oliskovicz & Piva (2014, p. 117), referem que é possível ter uma participação ativa se utilizarmos o método expositivo da forma correta, substituindo a exposição tradicional pela exposição dialogante onde o professor é um meio para romper essa barreira. Numa aula expositiva dialogante o docente é o principal desbloqueador de comunicação entre aluno-professor, por exemplo, após a apresentação de um determinado conhecimento o mestre pode explorar com os seus alunos diálogos/conversas sobre o que ouviram, o que vai criar várias linhas de pensamento dentro da sala de aula, podendo originar debates, argumentação construtiva, pensamento crítico e incentivo à pesquisa.

Outra das desvantagens apresentadas é a dificuldade em motivar os alunos para a disciplina de história, palavra esta que se encontra cada vez mais no vocabulário de professores e alunos. Segundo o dicionário da língua portuguesa, motivação significa “O ato de despertar o interesse por algo”, para atingirmos um determinado objetivo temos de elaborar estratégias que possam ir de encontro aquilo que pretendemos como resultado. Para existir motivação na classe discente é preciso entender como estes aprendem, cabe ao professor examinar o tipo de alunos a quem vai ensinar e elaborar estratégias que vão de encontro ao pretendido. (Alonso & Fita, 1999, p. 8). As estratégias devem ser contempladas como o “grau de conceção intencional e orientadora de um conjunto organizado de ações” (Roldão, 2009, p.57), que tem como objetivo principal a condução eficaz de uma determinada aprendizagem.

A falta de motivação dos alunos advém de vários fatores, um deles é a perceção que têm da história enquanto disciplina, considerando-a pouco útil, pois a mesma trata do estudo de temáticas passadas, pressupondo que a mesma não será benéfica para si enquanto membros de uma sociedade. (Monteiro, 2003, p. 116). Para ultrapassar este estigma, Proença (2003) apresenta um recurso que pode ser motivador para os discentes, a utilização de documentos históricos, estes despertam a curiosidade e o sentido de investigação nos alunos. (citado em Monteiro, 2003, p. 116).

Outro dos problemas apontados é a falta de importância no treino da memória, para Ribeiro (2012, p. 71), é inconcebível que a esta seja descartada do ensino da história, culpando as pedagogias pelo trabalho que realizaram em diminuí-la. A arte de comunicar em sala de aula é mais um dos problemas apontados pelo mesmo autor. Para este, a classe docente deveria receber na sua formação, treino que ajudasse a “seduzir” os alunos através da comunicação, em vez disso seguiu-se por outros caminhos, mais concretamente pelas pedagogias centradas no aluno. (Ribeiro, 2012, p. 71). A comunicação do professor é apontada por Furst (1973), como um elemento essencial para o sucesso da aprendizagem do aluno, Hattie (2009) refere-se à comunicação como “o oitavo factor mais importante

para a aprendizagem do aluno” (citado em Lopes & Silva, 2010, p. 37). Várias investigações nesse campo, indicam que a má comunicação advém de um pobre domínio de informação a ser transmitida, para ultrapassar essa dificuldade deve realizar-se uma planificação bem organizada daquilo que é pretendido comunicar (Lopes & Silva, 2010, pp. 37 - 38).

Outra das desvantagens apontadas é o facto de o método expositivo direcionar as mesmas aprendizagens a todo o grupo não havendo qualquer diferenciação. Desde os saberes científicos dos conteúdos da disciplina aos saberes científicos das estratégias em sala de aula, o professor terá de ter sempre como objetivo a aprendizagem do aluno (Roldão, 2009, pp. 55 – 56). A problemática situa-se no grupo de alunos que estará à frente do professor, e o facto de nem todos possuírem os mesmos conhecimentos e facilidades na aquisição das aprendizagens. A tarefa do mestre deverá incidir na procura de estratégias que proporcionem uma boa qualidade de ensino, o que dificilmente a estratégia expositiva poderá fornecer, sendo um método que beneficia uma aprendizagem igual para todos.

Feedback, segundo Lopes & Silva (2010), é uma informação transmitida por um determinado tipo de agente a alguém, esta pode ser uma boa ferramenta de ensino, quando bem aplicada, “fornecendo informação corretiva sobre um acontecimento (...) estratégia alternativa para resolver um problema (...) clarificar ideias (...) proporcionar encorajamento (...)”. (p. 47)

Ribeiro (2012), não vê outra maneira de ensinar na área das ciências humanas e históricas em particular, senão o método expositivo, onde os alunos em silêncio na sala de aula, ouvem com atenção os conhecimentos transmitidos pelo professor, mas admitindo, porém, tanto o erro do abuso contínuo da cátedra como a extinção dela, havendo oportunidade no método expositivo para comunicar com os alunos.

A ausência da avaliação formativa neste método é um ponto desfavorável, já que esta visa melhorar a aprendizagem qualitativamente e não quantitativamente. Os professores que usam este tipo de avaliação melhoram o desempenho dos seus alunos, como também avaliam o sucesso ou insucesso das estratégias que implementaram para o ensino de determinado conhecimento, havendo espaço para uma retificação ou uma adaptação que vá de encontro ao sucesso da aprendizagem, algo que o método expositivo terá mais dificuldades em oferecer. (Lopes e Silva, 2011, pp. 1 – 3)

1.5 O MÉTODO EXPOSITIVO NAS CIÊNCIAS MUSICAIS

No campo das Ciências Musicais, mais concretamente no ensino da História da Música, Paulo Castagna, conceituado professor e musicólogo brasileiro, indica que muitas vezes os alunos encaram a disciplina de História e Cultura das Artes como um desafio, um desafio que terá que ser feito apenas para poderem terminar o curso, afirmando ainda que há uma percentagem de alunos com reações distintas ao nível da motivação à disciplina de História da Música, como o caso dos instrumentistas e cantores, sendo este um grupo que mostra menos interesse, enquanto compositores e alunos de direção de orquestra demonstram mais interesse pela disciplina:

“Muitos alunos, seja qual for o curso pelo qual optaram, frequentemente encaram a disciplina apenas como uma das inevitáveis tarefas para se obter o diploma. É corrente, entre os mesmos utilizar a expressão “eliminar matéria” para se referir ao ato de cursá-la e ser nela aprovado (...) nada adiantará atribuir aos alunos, sobretudo aos ingressantes, as responsabilidades pelo eventual desinteresse, sendo em minha opinião, uma responsabilidade de todos, mas principalmente dos autores do material didático, das instituições e dos professores (...) Tem havido uma crescente dificuldade no ensino da história da música que se tem verificado em todo o mundo” (Castagna, 2011, pp. 512 - 513).

É importante realçar que o autor aplicava nas suas aulas o método expositivo, classificando-as como transmissoras de informação, com recitações de informações da bibliografia adotada, exemplos musicais despidos de discussão ou reflexão, alterando mais tarde a sua forma de lecionar.

“Em 2009 iniciei mudanças na minha carreira de ministrar as disciplinas (...) até ao final de 2008 as minhas aulas eram predominantemente expositivas, com recitação de informações originárias na bibliografia adotada, seguida de exemplos musicais, sem discussão (...). Sendo as suas aulas dadas deste modo, Castagna sentia que os alunos tinham bastantes dificuldades em acompanhar a disciplina, não se sentiam motivados e acima de tudo não absorviam os conhecimentos, tendo que mudar a sua estratégia de ensino “ Minhas mudanças incluíram, inicialmente, a progressiva alteração na forma de transmissão de informações, transitando das aulas meramente expositivas para diferentes relações com o conhecimento, desde a leitura e discussão de textos até a aplicação em sala de aula de dinâmicas e exercícios representativos. (...) O aumento de conversa entre todos e a utilização da formação em roda das cadeiras, foram fatores técnicos que produziram transformações significativas nos resultados dos cursos (...)” (Castagna, 2011, p. 515).

No campo do ensino da formação musical e teoria da música, o pedagogo John Paynter refere que muitos professores procuram um método que funcione, um método que ajude a ultrapassar as dificuldades sentidas e que possa obter resultados imediatos por parte dos seus alunos. Na realidade, existem várias metodologias na área de ensino, sendo mais conhecidos os princípios pedagógicos de Edgar Willems (1890 – 1978), Zoltán Kodály (1882 – 1967), Edwin Gordon (1927 – 2015) e Jaques Dalcroze (1865 – 1950). Segundo John Paynter, não é o método de ensino que os professores devem procurar, enquanto receita para todos os seus problemas, preconizando em vez disso um maior investimento no que vão ensinar e como o vão fazer.

“Esperávamos que, mais do que se limitarem a copiar o que havíamos feito, os professores conseguissem “delinear, por si mesmos, uma linha de actuação”, desenvolvendo outros projetos de modo a adequa – los às suas próprias circunstâncias. Dois dos grandes princípios pedagógicos (...) em primeiro lugar, possibilitar – nos, a todos, perceber o que temos (isto é, descobrir onde nos posicionamos e de onde viemos) e, em segundo lugar, levar – nos a enfrentar aquilo que não nos é familiar (ou seja, os desenvolvimentos futuros)” (John Paynter, 2000, p. 4).

1.6 SER PROFESSOR DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Neste subcapítulo achamos pertinente entender qual o papel do professor no ensino educativo, conseguindo assim tirar melhores conclusões sobre o uso do método expositivo na disciplina de História e Cultura das Artes.

A função do professor, como já referimos anteriormente, é “fazer aprender, como fazer aprender alguma coisa a alguém”, especialistas que por vários meios educativos, devem proporcionar um ensino de qualidade à comunidade discente, construindo caminhos que lhes proporcionem o êxito, mas por mais que o mestre se esforce muitas das vezes não obterá êxito. (Roldão, 2009, pp. 46 – 49)

“Se a aprendizagem fosse automática, espontânea e passiva, o professor seria desnecessário. Se, para aprender, bastasse proporcionar informação, seria suficiente ter posto os livros nas mãos dos alunos ou disponibilizar-lhes hoje tecnologias da informação. Mas é justamente porque aprender é um processo complexo e interativo que se torna necessário um profissional de ensino – o professor” (Roldão, 2009, p. 47)

Deve constar com o professor um diversificado leque de conhecimentos científicos, o seu “Saber”, ao nível da educação como ao escolar, domínios que ajudam o docente a planear de forma

pedagógica a “produção do saber”, tendo em conta as várias situações que poderá encontrar no seio escolar. O “Poder”, a “autonomia” e “decisão” que o professor tem no seu trabalho, cria a oportunidade para optar por quais caminhos percorrer, de modo a ir de encontro ao sucesso educativo. Como último pilar, a “Reflexibilidade”, momento de reflexão, autocritica, correção e aprendizagem, espaço para melhorar enquanto professor. (Roldão, 2009, pp. 48 – 49).

1.7 FUNÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Após percebermos o papel do professor, cabe agora entender qual a função da história enquanto disciplina, isto porque frequentemente somos interpelados não só pelos alunos, mas também pela sociedade, com estas duas questões, porquê estudar história e qual a sua função?

Para respondermos a estas perguntas, Prats (2006, p. 5) organiza em vários itens o que é História:

- a)** “Preparar os alunos para a vida adulta”;
- b)** “Despertar o interesse pelo passado”;
- c)** “Potencializar nas crianças e adolescentes um sentido de identidade”;
- d)** “Ajudar os alunos na compreensão de suas próprias raízes culturais e da herança comum”;
- e)** “Contribuir para o conhecimento e compreensão de outros países e do mundo atual”;
- f)** “Contribuir para o desenvolvimento das faculdades mentais por meio de estudo disciplinado”;
- g)** “Introduzir os alunos em um conhecimento e no domínio de uma metodologia rigorosa, própria de historiadores”;
- h)** “Enriquecer outras áreas do currículo”
- i)** “Facilitar a compressão do presente”

História não é só o estudo do passado, mas sim o estudo que dá conformidade aos factos do mesmo, permitindo-nos entender muitas das questões do presente, informações que nos ajudam a construir uma ideia/pensamento analítico, reflexivo e crítico às adversidades que ocorrem nos dias de hoje, também os valores morais, culturais e ideológicos das nossas raízes, apela ao sentimento patriótico, à nossa identidade, como à compreensão de outras culturas, mas para que todo este processo se concretize, é importante que alunos se sintam motivados ao estudo da História, essa estimulação deverá

partir de processos próprios dos historiadores como a “capacidade de análise, inferência, formulação de hipóteses, entre outras”. O estudo da história ajuda a “fortalecer outros ramos do conhecimento” como para a “literatura, para a filosofia, para o conhecimento do progresso científico, para a música”, “não se pode estudar sem conhecer algo da história e de sua história”. (pp. 4 – 5)

1.8 PROPOSTAS DE UMA BOA AULA EXPOSITIVA – MÉTODO EXPOSITIVO DIALOGANTE

Ribeiro (2012), apresenta-nos um planeamento de aula que considera ser uma boa exposição. Na primeira fase, é importante realizar uma introdução ao tema a ser tratado, resumos curtos, o que vai dar a conhecer a todos os intervenientes o que vão aprender nessa aula, estimulando a curiosidade e orientando-os para os minutos que se seguem, nesta fase é importante o silêncio na sala de aula. Na próxima fase entramos no campo da exposição, sem direito a qualquer tipo de interrupções, mesmo que os alunos queiram colocar alguma questão, estes devem ouvir com atenção e realizar apontamentos, durante esse registo devem elaborar questões/dúvidas para serem colocadas ao docente na fase seguinte. Este tipo de estratégia diminui o risco de perturbação por parte de alguns alunos, para uma boa transmissão de conhecimentos é necessário que a turma permaneça em silêncio. Para facilitar o discurso e a cativação dos alunos, o professor deve fazer uso de uma boa comunicação que, para o autor, muitos dos professores nunca a utilizam de modo correto. A terceira fase da aula está aberta ao diálogo entre todos os intervenientes da sala de aula, momento dado aos alunos para exporem as suas dúvidas, ideias, críticas e pensamentos, o que a torna mais rica. Como os conhecimentos transmitidos pelo professor foram devidamente preparados, o diálogo poderá provocar alguma agitação, mas como os alunos já estão focados desde o início a comunicação será beneficiadora e não desestabilizadora. O último momento da aula é destinado à leitura, realização de exercícios, tratamento e investigação documentária. Por último, o autor refere que favorece a aprendizagem individualizada, é raro pedir a realização de trabalhos de grupo em sala de aula, não tendo nada contra essa estratégia, pensa que os intervalos serão para isso mesmo. (pp. 69 – 71)

Barcellis e Martin (1985, como citado em Ribeiro, 2007, p.195) revelam alguns aspetos que o professor deve ter em consideração para preparar uma aula expositiva:

- a) O professor deve conhecer a matéria que vai lecionar aprofundadamente;
- b) Deve ter em consideração o tipo de alunos a quem vai lecionar e perceber se estes já possuem algum conhecimento;

- c) Organizar a aula em três partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão;
- d) Ser pragmático no que pretende transmitir como nos resultados/aprendizagens, de maneira a que os formandos possam perceber o que o docente espera deles;
- e) Ter especial cuidado na comunicação oral, velocidade de transmissão, tom de voz, dicção;
- f) Utilização de recursos tecnológicos;
- g) Ter cuidado com a duração da aula, deve estar atento às reações dos alunos;
- h) No início da aula fornecer o sumário, revelando aos alunos os temas que se vão falar na aula.

O autor divide a aula expositiva em três etapas essenciais: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Na introdução o professor deve inicialmente apresentar aos alunos os objetivos da aula, cativando e motivando para o que virá posteriormente.

Para Godoy (2000, pp. 79 – 82) o desenvolvimento é a etapa em que o professor estará concentrado e preocupado com a aprendizagem dos discentes, este deve estabelecer uma boa organização da aula por etapas, apresentando “princípios básicos e fundamentais, conceitos – chave, fatos específicos e exemplos concretos.”. O docente pode lecionar a aula através de “um enfoque dedutivo ou indutivo”, no dedutivo caminha-se desde a ideia geral, passando pelos conceitos principais até chegar à apresentação de exemplos, no indutivo o processo é o inverso, partimos dos exemplos até chegarmos às ideias gerais. Parte importante da aula é o professor não exagerar na exposição, devendo comunicar com a turma, colocando questões e utilizar recursos tecnológicos.

Para finalizar a aula, a conclusão, segundo Sant’Anna (1979, citado em Godoy, 2000, p. 81) deve haver um enfoque do professor em proporcionar ao aluno a capacidade de este estabelecer um elo de ligação entre o conhecimento adquirido no passado, no presente e no futuro. O professor pode ainda realizar, na parte final da aula, revisões, discussão/debate de temas e apresentar bibliografia para que os alunos possam pesquisar e estudar sobre o assunto.

Apesar da aula expositiva ser conhecida como a aula catedrática, centrada no professor, esta também sofreu inovações, conhecida por vários agentes da educação como aula expositiva dialogada.

A aula expositiva dialogada tem como principal objetivo quebrar os conceitos antigos da aula catedrática, mas para acabar com essa conotação negativa em volta da exposição é necessário que os professores, utilizadores deste método, também possam inovar.

“O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador – educando e educando – educador vão ambos desenvolvendo

uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação.” (Freire, 1971, como citado em Coimbra, data p. 39)

A aula expositiva dialogada é aquela que proporciona ao aluno um ambiente de aprendizagem colaborativo, interativo/participativo, incentiva a exploração e pesquisa pelo desconhecido, como também estimula a construção analítica e crítica de pensamentos e ideologias sobre as várias temáticas da sociedade. O professor, enquanto catalisador, deve fornecer as ferramentas necessárias ao aluno para que isso aconteça. (Coimbra, 2016, pp. 7260 – 7262)

Vasconcellos (1992), define em três tópicos centrais o que o professor deve ter em consideração na hora de transmitir, “Mobilização do conhecimento; Construção do Conhecimento; Elaboração da Síntese do Conhecimento”, princípios que devem ser levados em conta em cada uma das aulas. (p. 3). Em primeiro lugar, ter como objetivo sensibilizar o aluno para o conhecimento de determinado conteúdo, para que isso aconteça é necessário que o docente conheça os alunos presentes na sala de aula, este tipo de trabalho dará uma visão sobre como trabalhar, quando abordar, que conteúdos a realizar, é também importante, que tenha em mente, quais as metas que pretende atingir com a sua lecionação. Em segundo, o professor como orientador das aprendizagens, este deve fornecer estratégias que possibilitem ao aluno adquirir o conhecimento. E por último, após a concretização dos dois processos, o aluno deve ter a capacidade de demonstrar o conhecimento adquirido, seja a nível oral ou escrito. (Vasconcellos, 1992, pp. 4 – 16)

Dentro da linha de pensamento do autor citado anteriormente, Coimbra (2016, pp. 7268 – 7272) organiza a aula expositiva dialogante em cinco etapas fundamentais, “Inspiração, problematização, reflexão, transpiração e síntese”. No primeiro ponto, o docente deve ser a fonte de motivação em sala de aula, na qual os alunos possam sentir a curiosidade e o gosto em aprender. O autor, refere algumas das estratégias para a fase inicial como, a leitura de um poema, visualização de um pequeno trecho de um filme, audição de uma música, contar uma história etc. Na segunda parte, o docente terá de encontrar questões da realidade que problematizem os conteúdos que pretendem lecionar, devendo levar em conta a preparação da aula. A procura de reportagens de jornais, revistas, estatísticas, entrevistas que possam problematizar o conteúdo é uma ferramenta bastante útil. É neste momento que o professor deve dialogar com os alunos e os mesmos com o professor, problematizando a situação exposta. Como terceiro ponto, a exposição do conhecimento adquirido ao professor, realizando uma reflexão. A quarta parte é a atribuição de ferramentas, que proporcionem ao aluno a procura, a pesquisa e a exploração do

assunto tratado em aula, incentivando a procura do seu próprio conhecimento. E como último ponto, a capacidade que o aluno tem em compartilhar os conhecimentos adquiridos seja em texto ou oralmente.

1.9 MÉTODOS ATIVOS EM SUBSTITUIÇÃO DO MÉTODO EXPOSITIVO

Nos finais do séc. XIX princípios do séc. XX surge um novo movimento pedagógico chamado de Educação Nova, este movimento pretendia renovar o pensamento da sociedade em relação à escola até então vista como um local obrigatório. (Monteiro, 2003, p. 49)

“Esta nova concepção implicou um desafio diferente: conhecimento dos alunos a formar. Dar a conhecer como se processa o desenvolvimento da criança e do adolescente como fez Piaget, é compreender a sua identidade própria, a sua individualidade e é também atribuir à Escola como instituição um novo papel que deixou toda uma tradição baseada na transmissão de saberes constituídos” (Monteiro, 2003, p. 50)

Este movimento adotou diversificados métodos de vários pedagogos, nos quais destacamos, Carl Rogers (1902 – 1987), Decroly (1871 – 1932), Freinet (1896 – 1966) e Maria Montessori (1870 – 1952).

Para Carl Rogers, cada indivíduo possui potencialidades que devem ser desenvolvidas. Cabe então, ao professor, a sua implementação que deve ter em consideração alguns pontos: confiar nas capacidades do aluno, não exibir autoridade, não reprimir, potenciar e incentivar a criatividade, se estes aspetos forem colocados em prática, o docente torna-se mais “tolerante, mais flexível e disponível ao outro” (Rogers, 1985, citado em Monteiro, 2003, p. 53)

As propostas de Maria Montessori incidem na estimulação cognitiva e motora da criança, esta nova perspetiva procura levar o aluno de uma forma recreativa às aprendizagens através de objetos didáticos. A autora procura envolver as crianças num ambiente racional, que vai desde a disposição da sala de aula até aos materiais que estes usam. Segundo Decroly “para a aquisição de conhecimentos é fundamental o contributo aluno/meio”, o professor deve motivar o aluno para que este esteja sempre interessado pela aprendizagem, já Freinet, a sua proposta apostou em metodologias de grupo, com o intuito de aproximar os alunos à sociedade e à natureza preparando-os para os desafios da vida adulta. (Monteiro, 2003, pp. 51 – 52)

“Toda a metodologia utilizada no processo de ensino – aprendizagem passou a ser pensada a praticada em função do aluno com respeito pela sua identidade, ritmo próprio, originalidade e criatividade, tentando-se igualmente a eliminação das formas de competição selvagem ao promover-se um tipo de ensino mais aberto e humanizado muito importante em termos relacionais” (Monteiro, 2003, p. 53)

Monteiro (2003, pp. 65 – 71) refere alguns pontos necessários para os métodos ativos serem uma boa opção para o ensino da história, em primeiro lugar, o professor deve encontrar caminhos que incentivem e motivem os alunos para o estudo da História “ cabe ao professor possibilitar a manifestação de interesses, curiosidades e anseios “ (Fonseca, 2003, p. 112), encontrando um equilíbrio no seu discurso durante a aula, ou seja, não exagerar na exposição como no diálogo, tendo em atenção a não perder o “rigor científico”.

“O professor, como moderador e incentivador do processo do processo, deve somar seus objetivos ao dos alunos, procurando alcançá-los à medida que trabalha em direção à meta que a turma deseja alcançar. Os alunos devem ter clareza quanto ao ponto de chegada (...) Da mesma forma, o professor deve ter clareza do ponto de partida.” (Fonseca, 2003, p. 111)

Outro dos pontos apontados pelo autor é a relação interpessoal, sendo que para ele, os relacionamentos dentro da sala de aula são muito importantes para a aprendizagem. Se o relacionamento entre alunos e professor não for tranquilo, as aprendizagens não serão significativas, neste processo o professor terá de ter em atenção no modo como comunica. O processo avaliativo é outro dos pontos fundamentais “a avaliação do professor deve ter em conta as metas de aprendizagem e o processo educativo”, esta avaliação deve ser contínua, que passa por uma avaliação diagnóstica que permite ao docente aferir o nível de conhecimentos que os alunos têm até ao momento, realizando provas formativas que auxiliam o professor a perceber o conhecimento dos alunos sobre os conteúdos e objetivos planejados, provas sumativas que tem como principal objetivo coletar informações relativamente a conhecimentos, mas também à aprendizagem sob o efeito de uma determinada estratégia, ao realizar este conjunto de avaliações o professor “estará a fazer uma avaliação global na medida em que considera quer os aspetos cognitivos quer os efectivos”

“Não é possível o estabelecimento das metas de aprendizagem sem haver avaliação, uma vez que esta deve ser entendida como um processo sistemático, cíclico e realizado de forma contínua, permitindo verificar se os objectivos foram ou não atingidos. É por isso que o professor deve interrogar-se: Quais os objectivos a atingir pelos alunos? Que estratégias deverão ser utilizadas? Como saber o progresso dos alunos?” (Monteiro, 2003, p. 67)

Para o autor, o ensino da história não pode fugir aos desafios presentes na sociedade e na escola, deve encontrar soluções, deve modernizar o seu ensino, criticando as metodologias usadas no ensino da história, como o método expositivo que está bem presente no seu ensino.

“ (...) para ensinar história tem sido o recurso o da lição expositiva (...) praticamente inexistente o recurso à tarefa, ao saber contruído e partilhado (...) Num ensino ativo da História é fundamental que o alunos seja responsabilizado pela construção do saber desenvolvendo as capacidades de análise, e síntese, da leitura e da descoberta, da reflexão crítica, do estudo comparado da imaginação, e da objectividade.” (Monteiro, 2003, p. 69)

Segundo as ideias dos autores referentes aos métodos ativos no ensino da história, enumeramos algumas características do mesmo:

- a)** Ensino individualizado;
- b)** O professor diagnostica e motiva os alunos;
- c)** Ritmos diferenciados para cada aluno;
- d)** Utilização de meios áudio/visuais como forma de melhorar a aprendizagem;
- e)** Participação ativa;
- f)** Avaliação frequente;
- g)** Testes como avaliadores do conhecimento em relação aos objetivos;
- h)** Os objetivos e a avaliação permitem ao professor avaliar e corrigir o seu trabalho desenvolvido.

2. INQUÉRITO

Durante o nosso estágio profissional, para além de recolhermos dados através das observações de aulas, decidimos também elaborar um inquérito direcionado à disciplina de História e Cultura das Artes. No inquérito participaram as turmas, 10º A, 18 alunos, 11º A, 17 alunos e 11º B, 19 alunos, perfazendo um total de 54 participantes. A participação foi totalmente anónima, havendo apenas a indicação do instrumento de cada um dos inquiridos.

Pretendemos com o inquérito ter uma melhor precessão por parte dos alunos relativamente às aulas de História e Cultura das Artes, qual a importância da disciplina, as metodologias e estratégias aplicadas, o que beneficia ou não sua aprendizagem, quais os pontos positivos e negativos da disciplina.

O inquérito contém dois grupos de questões, o primeiro incidindo sobre metodologias de aulas, preferências dos alunos, tipos de recursos utilizados e a importância que cada um atribuía à disciplina em questão; o segundo, direcionado à importância e nível de satisfação pelos recursos utilizados em contexto de aula e o tipo de estudo realizado pelos discentes aquando à realização dos momentos de avaliação.

2.1 RESULTADOS

2.2 Grupo I

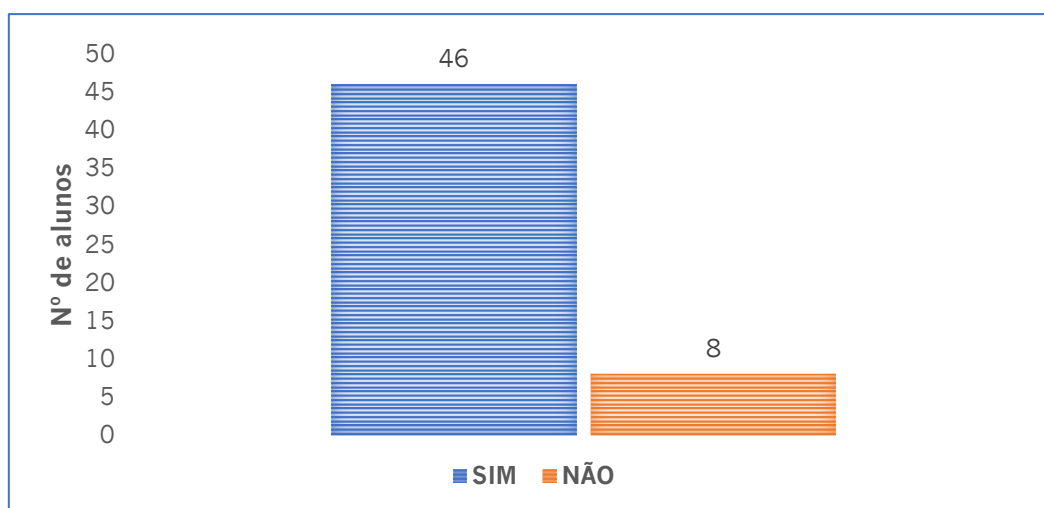


Gráfico 1: Gostas da disciplina de História e Cultura das Artes?

A primeira questão do inquérito baseava-se numa questão bastante simples “Gostas da disciplina de História e Cultura das Artes?”. Verificando os resultados, gráfico 1, dos 54 alunos, 8 manifestaram

uma resposta negativa e 46 uma resposta positiva, sendo importante averiguar a razão que os conduz a cada uma das opções

Consoante a resposta efetuada à primeira pergunta, os inquiridos teriam duas opções de resposta, a primeira “*Se sim, porquê?*” para a resposta positiva e “*Se não, porquê?*” para a negativa. Nesta questão, os alunos seleccionaram mais do que uma resposta.

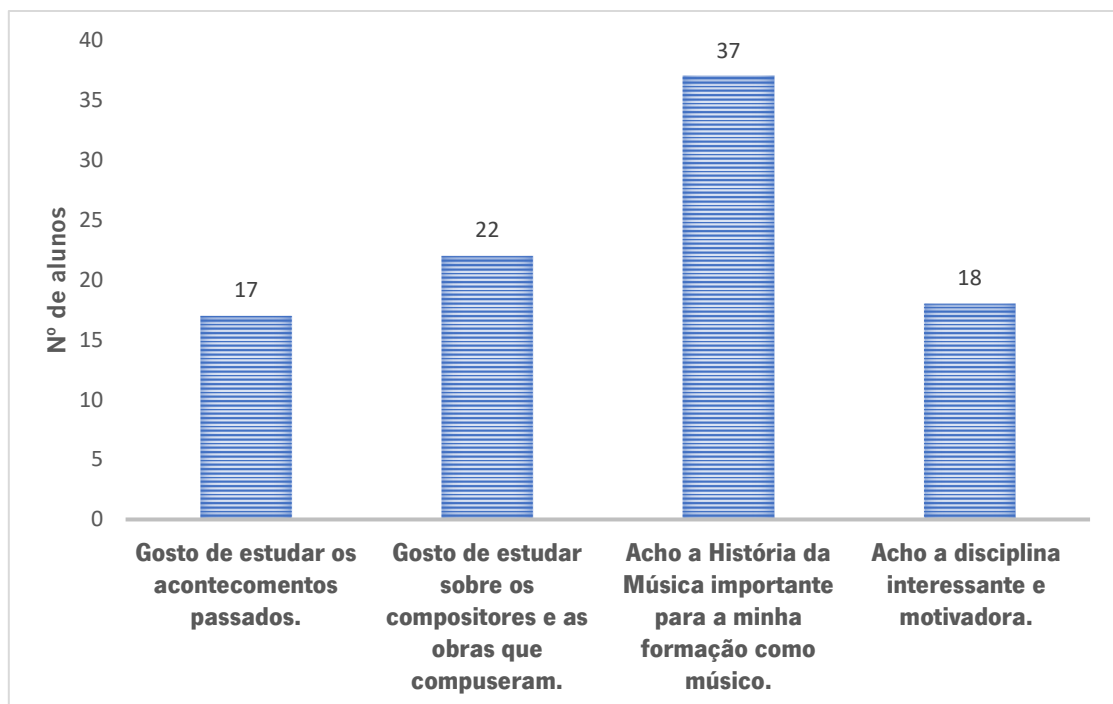


Gráfico 2: Se sim, porquê?

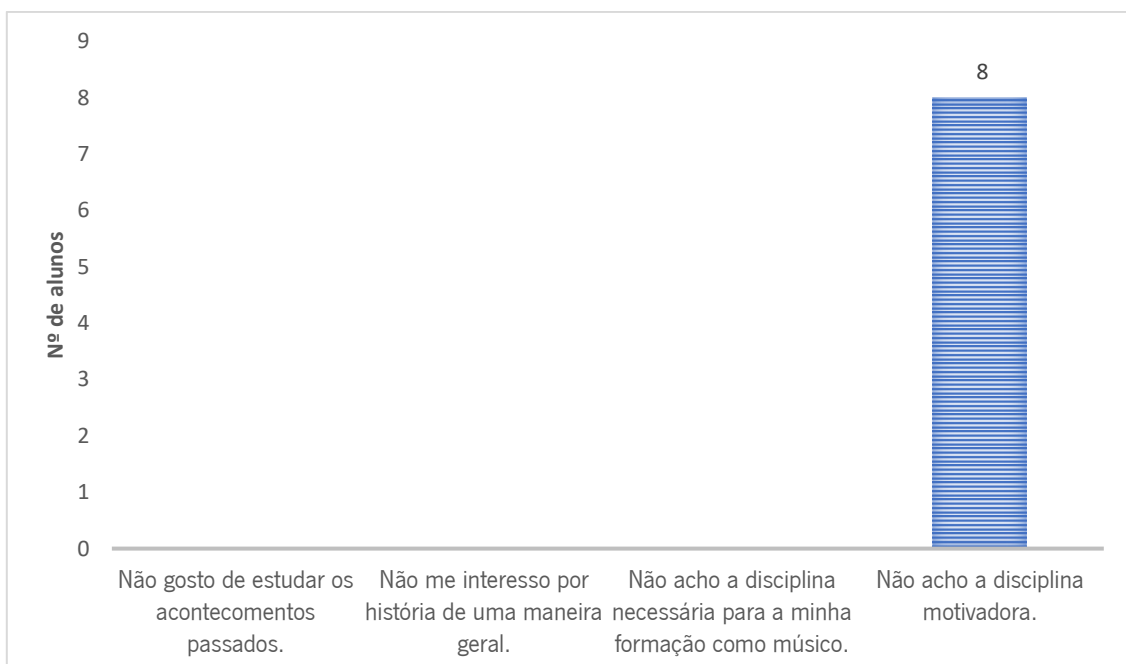


Gráfico 3: Se não, porquê?

No *gráfico 2*, verificamos que dos 46 alunos que responderam de forma positiva à questão anterior, 37 deles escolheram a opção *“Acho a História da Música importante para a minha formação como músico”*, levando-nos à conclusão que, de facto, têm consciência da sua importância para a formação deles enquanto músico.

Relativamente às opções *“Gosto de estudar os acontecimentos passados”*, *“Gosto de estudar sobre os compositores e as obras que compuseram”*, opções relacionadas com a aprendizagem dos conteúdos, ficou um pouco abaixo do esperado, sendo que na primeira opção escolheram 17 alunos e na segunda 22 alunos. Quanto à resposta *“Acho a disciplina interessante e motivadora”*, relacionada com a motivação e o interesse que a disciplina pode despertar nos alunos, só 18 a escolheram, ficando também um pouco desvalorizada.

Relativamente aos 8 alunos que responderam à questão *“Se não, porquê”*, observando o *gráfico 3*, verificamos que todos os inquiridos escolheram a opção *“Não acho a disciplina motivadora”*.

Comparando estes resultados, com os do *gráfico 2*, mais precisamente a questão *“Acho a disciplina interessante e motivadora”*, podemos concluir que a disciplina não desperta interesse ou motivação, ou seja, dos 46 alunos que responderam positivamente à questão *“Gostas da disciplina de História e Cultura das Artes”*, *gráfico 1*, só 18 referiram *“Acho a disciplina interessante e motivadora”*, *gráfico 2*, sobrando, desse núcleo de 46 alunos, apenas 28 que não escolheram esta opção. Aliando estes 28 alunos aos 8 alunos que indicaram que a disciplina não é motivadora, *gráfico 3*, podemos dizer que 34 alunos não consideram a disciplina motivadora e interessante.

Perante estes resultados, concluímos que a grande maioria dos discentes participantes do inquérito está consciencializado para a importância que a disciplina de História e Cultura das Artes tem na sua formação enquanto músico, todavia, não a considera como uma cadeira motivadora ou interessante.

Na seguinte questão, *gráfico 4*, *“Como são as aulas de História e Cultura das Artes?”*, os inquiridos poderiam escolher várias opções, indicando-nos como decorrem as suas aulas de História.

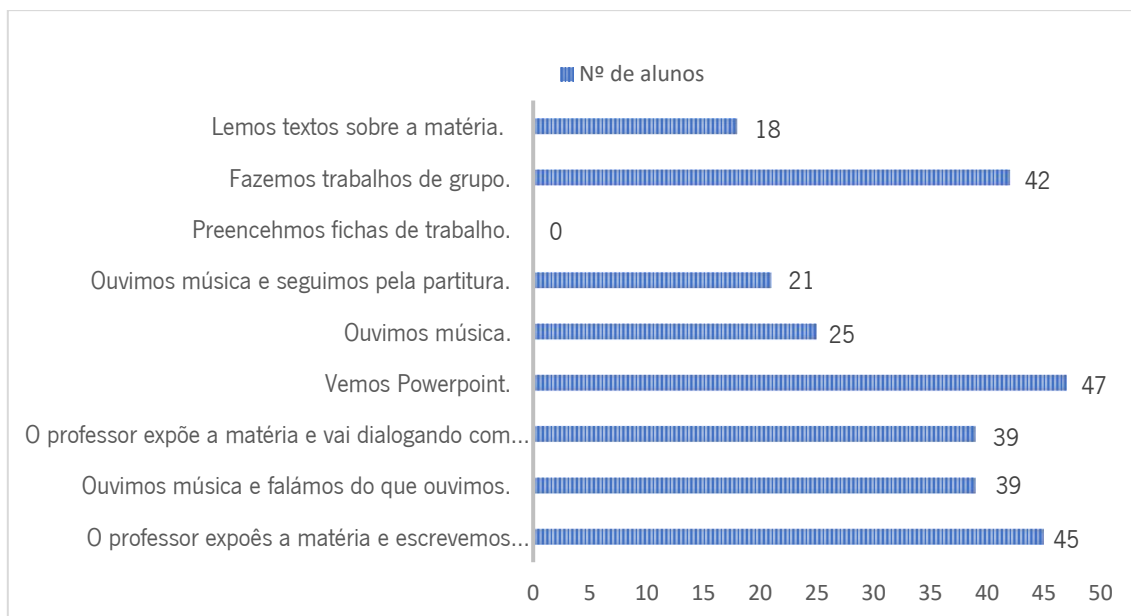


Gráfico 4: Como são as aulas de História e Cultura das Artes?

A opção *“Vemos PowerPoint”* foi a mais escolhida pelos inquiridos, com 47 alunos, indicando-nos que o uso do *PowerPoint* é bastante recorrente nas suas aulas, podendo ser utilizado como um guião de aula. Ainda nas opções mais votadas, com 42 alunos, a opção *“Fazemos trabalhos de grupo”*, indicando-nos que é frequente a realização de trabalhos de grupo para a disciplina. Seleccionada por 45 dos alunos envolvidos no inquérito, a opção, *“O professor expõe a matéria e escrevemos apontamentos”*, leva-nos a concluir que esta é a metodologia mais utilizado na sala de aula, à qual denominamos como ensino expositivo. As opções *“O professor expõe a matéria e vai dialogando com os alunos, fazendo perguntas e esclarecendo dúvidas”* e *“Ouvimos música e falamos do que ouvimos”*, detêm 39 das opções dos alunos. Podemos aqui concluir, que as aulas, apesar de expositivas, são dialogantes, sendo frequente o diálogo entre professor e alunos. Ainda relacionado com a questão do diálogo entre ambas as partes envolvidas nas aulas, a opção, *“Ouvimos música e falámos do que ouvimos”* foi também escolhida na mesma dose das anteriores, reforçando a ideia de dinamismo e de participação nas aulas.

As opções menos seleccionadas pelos alunos foram: *“Lemos textos sobre a matéria”* e *“Ouvimos música e seguimos pela partitura”*.

Perante todos os resultados que nos são apresentados através da análise dos inquéritos, verificamos que o ensino expositivo dialogante é o predominante.

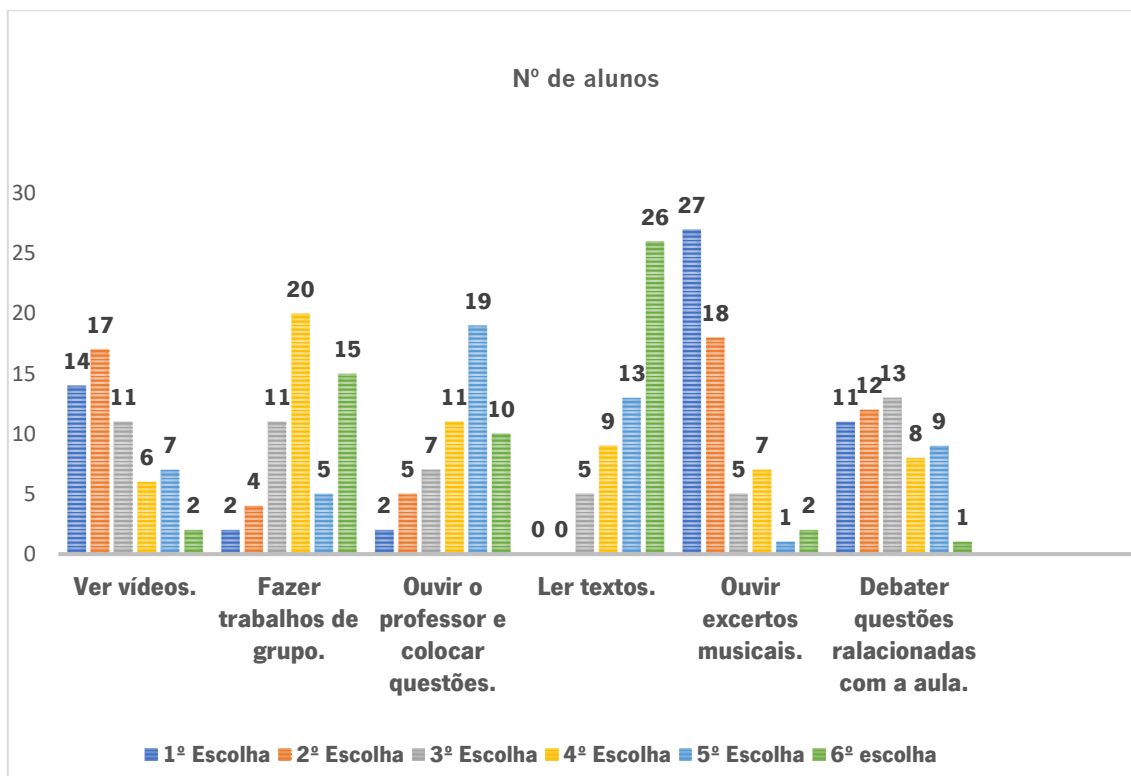


Gráfico 5: Coloca por ordem de preferência de 1 a 6, sendo o nº 1 o que mais gostas e o nº 6 o que menos gostas de fazer nas aulas de História e Cultura das Artes.

A próxima questão, gráfico 5, “Coloca por ordem de preferência de 1 a 6, sendo nº 1 o que mais gostas e o nº 6 o que menos gostas de fazer nas aulas de História e Cultura das Artes.”, conseguimos apurar as preferências dos alunos nas aulas de história relativamente a atividades realizadas. As opções mais escolhidas pelos discentes foram: “Ouvir excertos musicais”, “Ver vídeos”, “Debater questões relacionadas com a aula”, “Fazer trabalhos de grupo”, “Ouvir o professor e colocar questões” e por último “Ler textos”. Conseguimos concluir que os alunos apresentam uma preferência pela utilização de conteúdos multimédia. A realização de trabalhos de grupo, foi também um elemento bastante selecionado pelos alunos, apresentando-se como uma atividade bastante apreciada por eles.

Relativamente à questão “O que mais cativa nas aulas de História e Cultura das Artes”, pretendíamos aqui entender a atividade que despertava mais interesse nos alunos, na aula de História. Analisando o gráfico da figura 6, temos como primeira escolha a “Audição de excertos musicais” com 43 alunos, comparando com o gráfico anterior, gráfico 5, a audição de excertos musicais, foi escolhida pelos inquiridos como primeira preferência nas suas aulas. Ainda das opções mais votas temos “estudo da música de todas as épocas”, 40 alunos e “A história dos compositores”, 36 alunos, podendo verificar que, para os alunos, o estudo das épocas da história da música e a história dos próprios compositores tem bastante impacto no despertar do interesse e curiosidade dos discentes.

Nas menos votadas, para nós um pouco abaixo da média, temos com 18 alunos *“Imagens da época”* e *“Arquitetura/literatura/pintura da época”*, ainda em menor

Podemos concluir, que a disciplina de História e Cultura das Artes torna-se mais cativante para os alunos através do estudo das épocas da história da música, da história dos compositores e da audição de excertos musicais.

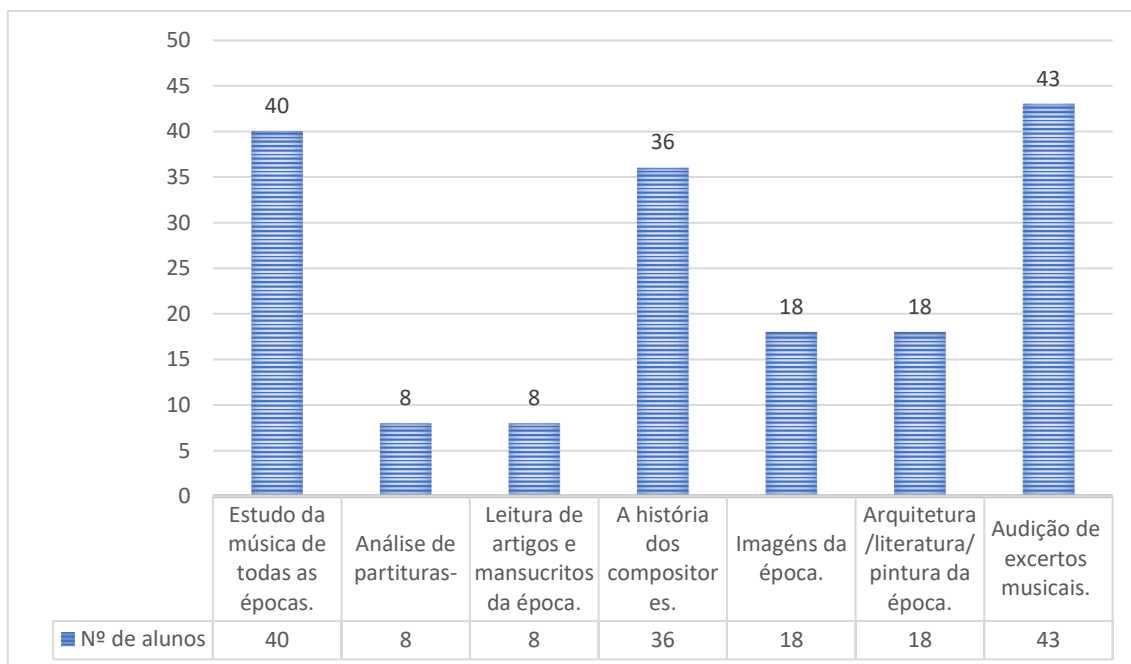


Gráfico 6: O que mais cativa nas aulas de História e Cultura das Artes.

Para finalizar o primeiro grupo de perguntas do inquérito, a última questão *“Para ter sucesso na disciplina de História e Cultura das Artes é preciso?”* pretendíamos perceber o que, na opinião dos alunos, é necessário para obter um bom desempenho na disciplina, podendo selecionar mais do que uma opção.

Analisando o gráfico da *gráfico 7*, a opção mais votada, com 42 alunos, foi *“Escutar o professor e tirar apontamentos”*, o que demonstra que a maioria dos alunos tem a noção da importância da transmissão de conhecimentos do professor, sabendo também que é necessário estar atento e por consequência tirar os devidos apontamentos e colocar as devidas questões. Em comparação com o *gráfico 4*, verificamos que já é usual nas aulas, o professor transmitir os conhecimentos e os discentes tirarem os devidos apontamentos, embora esta não seja uma atividade de preferência dos mesmos. Como segunda opção mais votada, com 33 alunos, *“Pesquisar e estudar através de livros, artigos, documentos, partituras, excertos áudio”*, indicando-nos que mais de metade dos alunos entende que o estudo da disciplina passa também pela pesquisa e estudo de artigos.

Como opções menos selecionadas, com 16 alunos, “Decorar a matéria”, e 1 aluno “Não fazer nada”.

Olhando para estes resultados, concluímos que os alunos percebem a importância de estar atento e absorver os conhecimentos transmitidos pelo professor, do estudo e da pesquisa da matéria através de livros, artigos, documentos, partituras e excertos áudio.

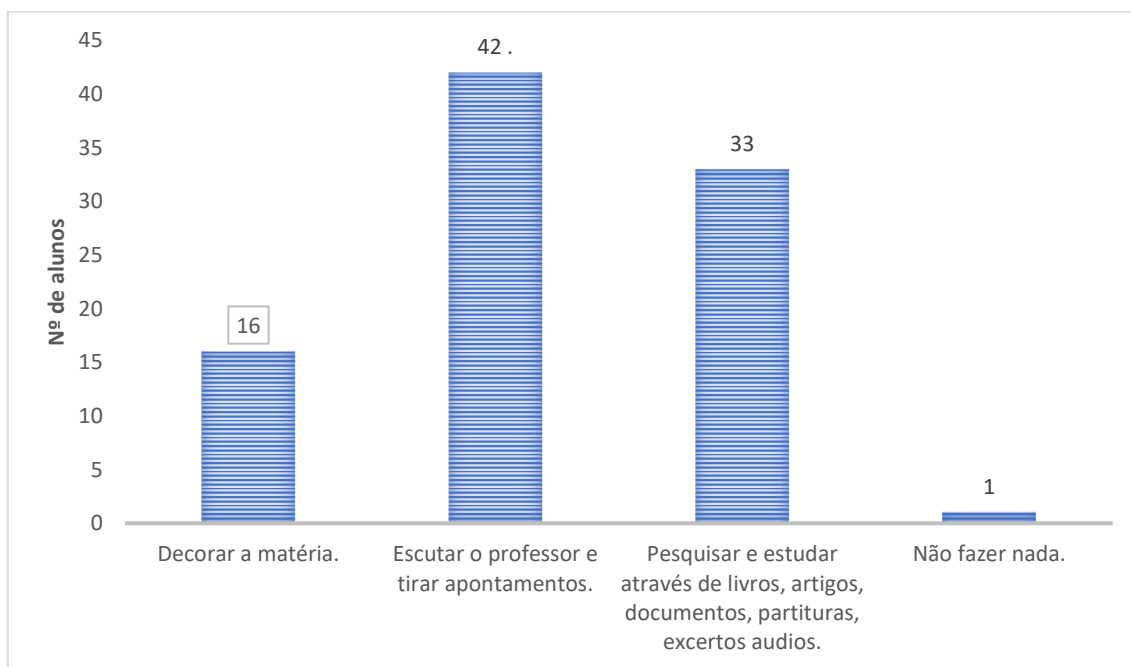


Gráfico 7: Para ter sucesso na disciplina de História e Cultura das Artes é preciso.

2.3 Grupo II

Este grupo de questões incide em três aspetos que, para nós, são constantes nas aulas da disciplina de História e Cultura das Artes, sendo elas o PowerPoint, os excertos de áudio e os trabalhos de grupo.

Relativamente à questão “Gostas de ouvir excertos áudio?”, conseguimos concluir que a grande maioria dos alunos apreciam a audição de excertos em contexto de aula.

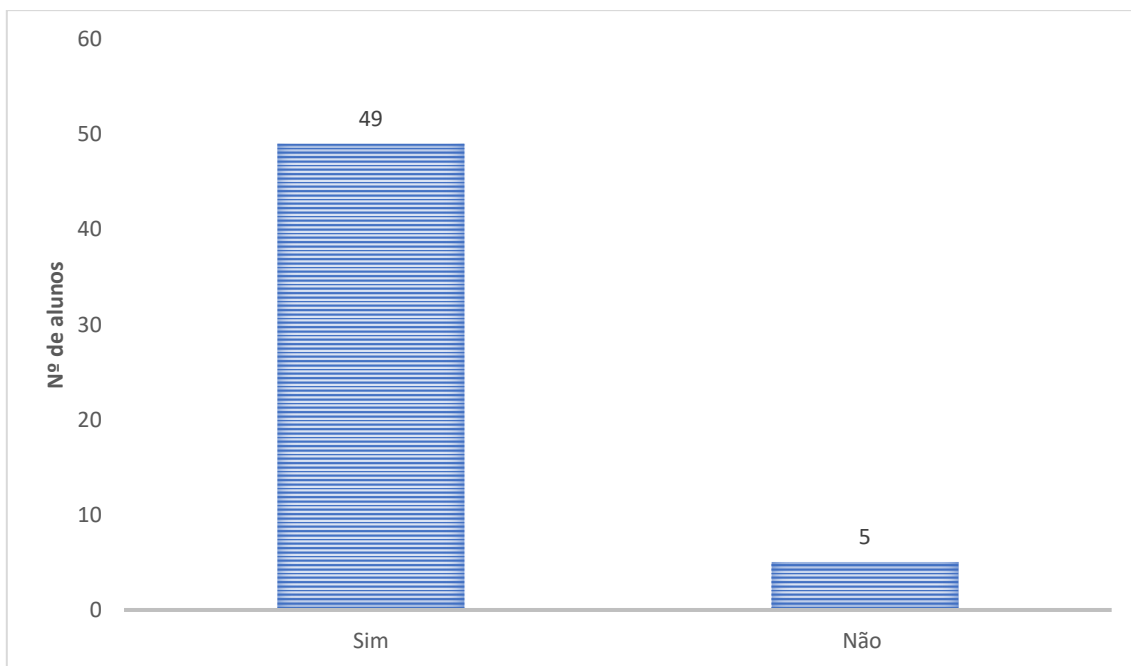


Gráfico 8: Gostas de ouvir excertos musicais?

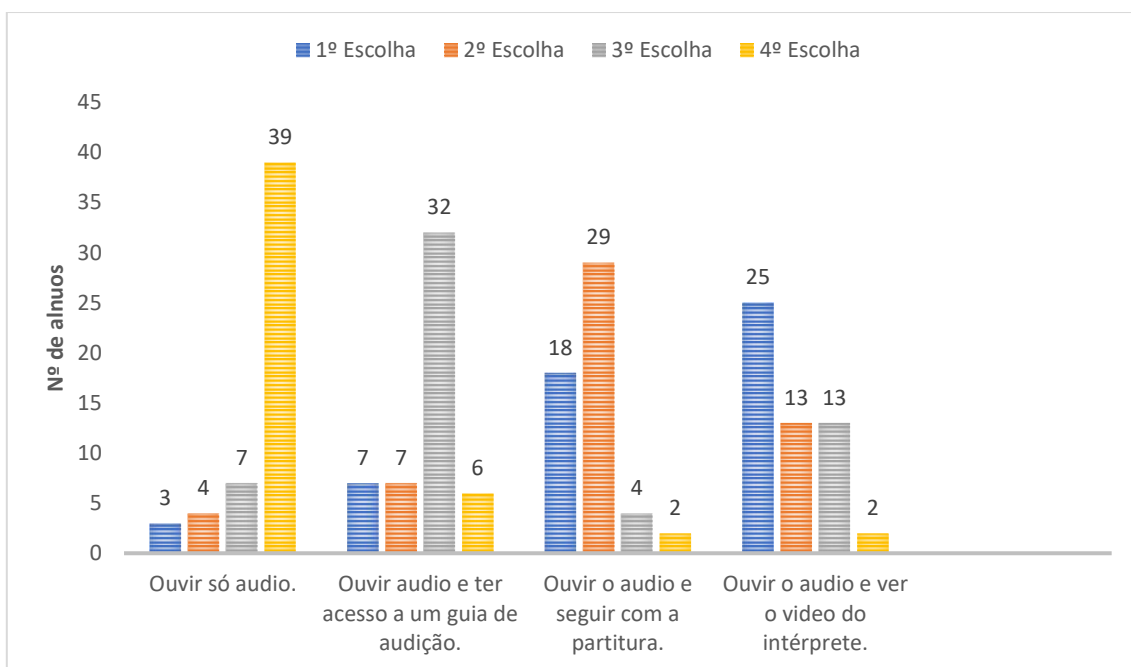


Gráfico 9: Como preferes ouvir os excertos musicais? Coloca por ordem de preferência de 1 a 4, sendo o nº1 o que mais gostas e o nº 4 o que menos gostas.

Ainda relacionada à questão anterior, na pergunta “Como preferes ouvir os excertos musicais? Coloca por ordem de preferência de 1 a 4, sendo o nº1 o que mais gostas e o nº 4 o que menos gostas”, conseguimos analisar a forma que mais apreciada na realização da mesma, podendo ser selecionada mais que uma opção. Por ordem de preferência foram apresentadas as opções: “Ouvir o áudio e ver o

vídeo do intérprete”, “Ouvir o áudio e seguir com a partitura”, “Ouvir o áudio e ter acesso a um guia de audição” e “Ouvir só áudio”.

Perante os resultados apresentados anteriormente, concluímos que os alunos nas audições de excertos musicais, preferem não só ouvir o áudio como também visualizar o intérprete/intérpretes.

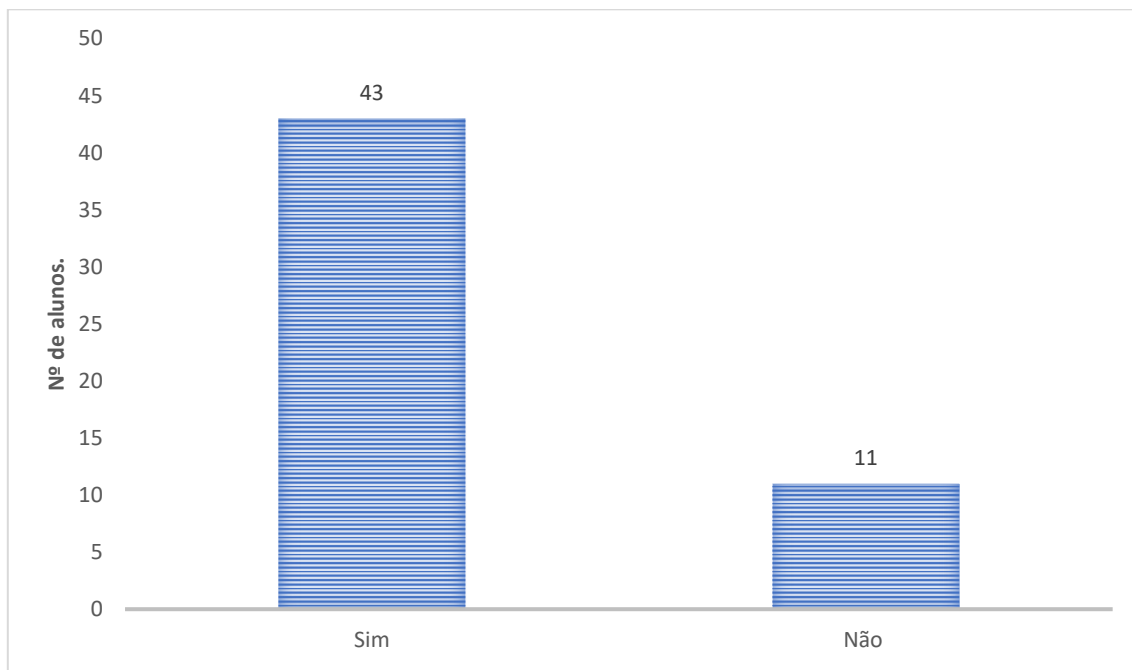


Gráfico 10: Gostas de observar PowerPoint durante as aulas?

Na questão *“Gostas de observar PowerPoint durante as aulas?”*, podemos concluir que a utilização de meios multimédia é bastante apreciada pelos alunos, tendo a opção “Sim” sido a mais votada.

Ainda de forma alusiva ao *PowerPoint*, nas próximas questões os alunos podiam escolher mais do que uma opção. Os alunos que responderam positivamente à questão anterior, responderam à questão *“Se sim porquê?”*. Podemos verificar no *gráfico 11*, que dos 43 alunos, as opções mais votadas com 33 e 34 escolhas, não havendo muita diferença entre elas, foram *“Facilita a compreensão da matéria dada pelo professor”* e *“Posso observar imagens, partituras e artigos da época”*, concluindo que o *PowerPoint* pode ser uma boa ferramenta para a aula expositiva, demonstrando ser um bom condutor de ideias que proporciona uma melhor compreensão ao aluno sobre a matéria lecionada pelo professor. Outras das opções como *“Aprendo melhor”* e *“Estou mais concentrado na aula”*, foram também escolhidas por alguns deles, conseguindo comprovar a vantagem da utilização deste método em sala de aulas.

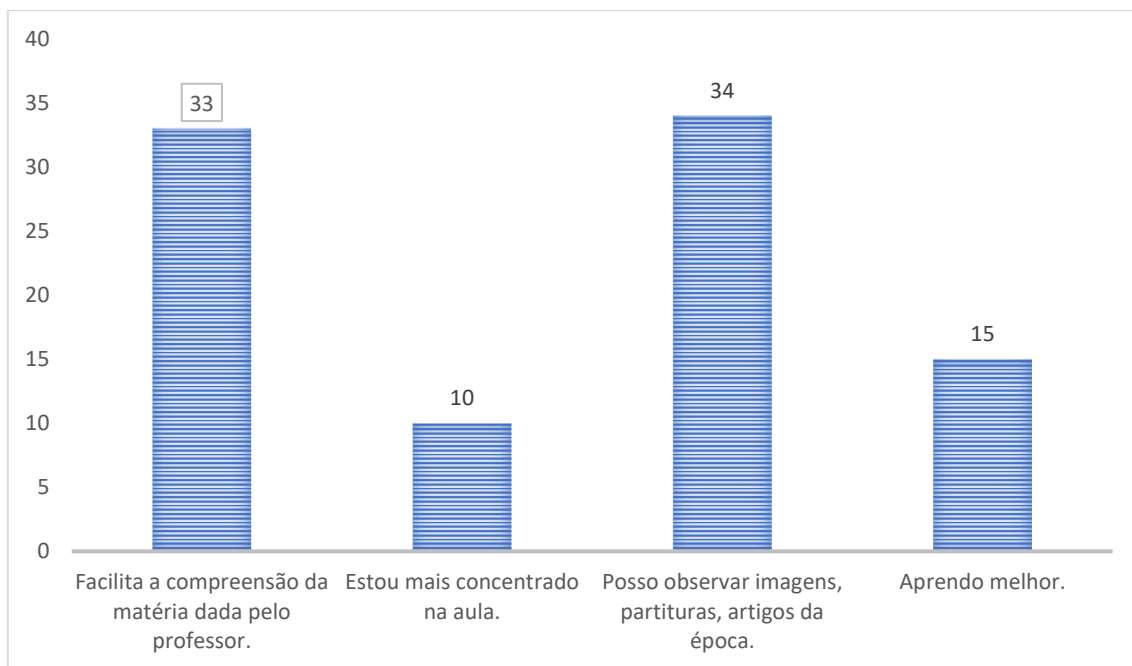


Gráfico 11: Se sim, porquê?

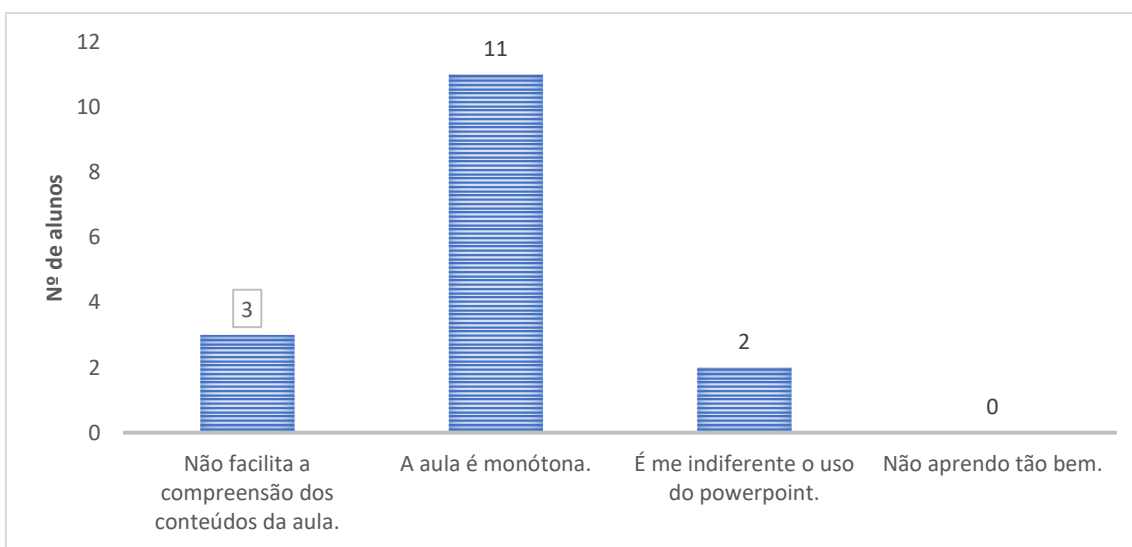


Gráfico 12: Se não, porquê?

Relativamente aos alunos que responderam negativamente ao uso do *PowerPoint* na sala de aula, na questão “Se não, porquê?” – gráfico 12, a totalidade, escolheu a opção “A aula é monótona”, o que revela que para estes o uso do *PowerPoint* não ajuda no desenvolvimento de aula. Nas menos escolhidas, com 2 e 3 alunos, temos as opções “Não facilita a compreensão dos conteúdos da aula” e “É-me indiferente o uso do *PowerPoint*”.

A próxima questão “Gostas de realizar trabalhos de grupo “– gráfico 13 a maioria dos alunos respondeu positivamente a esta questão, com 43 a favor e 11 contra.

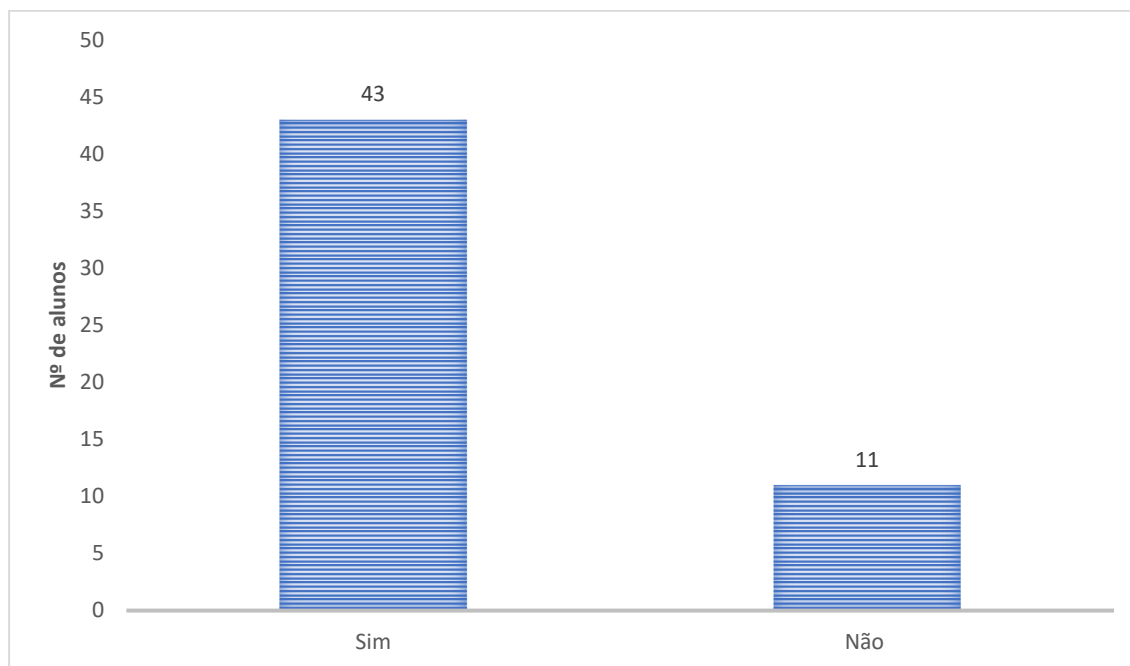


Gráfico 13: Gostas de realizar trabalhos de grupo?

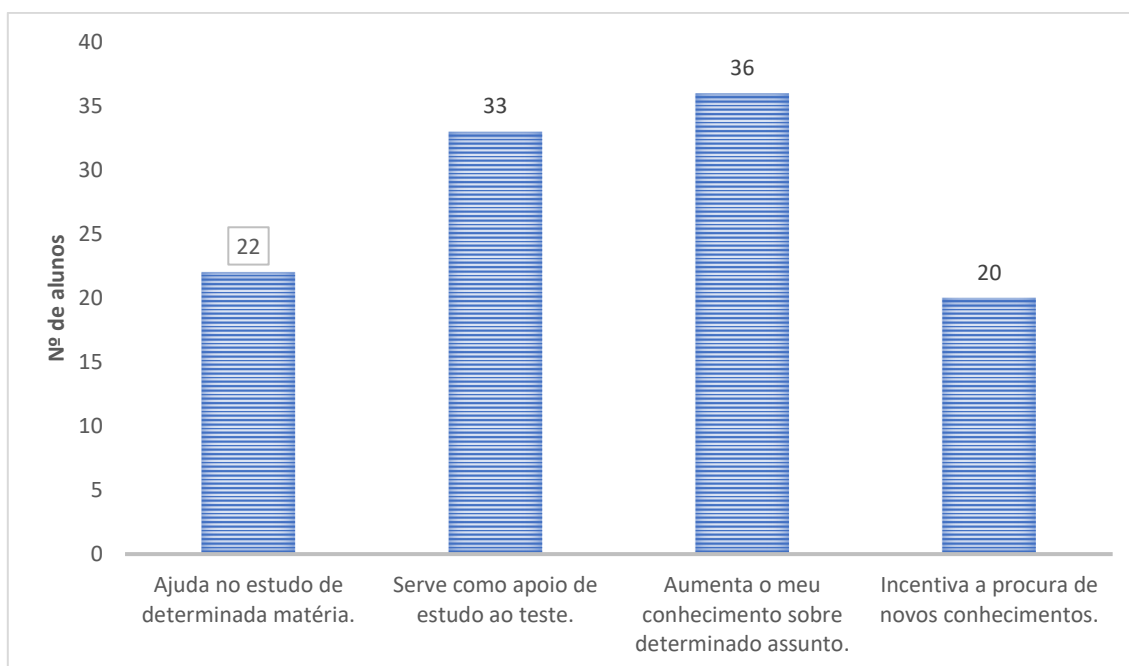


Gráfico 14: Se sim, porquê?

Analisando os resultados do gráfico do gráfico 14, verificamos que a maioria, com 36 alunos, escolheu “Aumenta o meu conhecimento sobre determinado assunto” e com 33 “Serve como apoio de

estudo ao teste”, o que demonstra que estes têm consciência que os trabalhos de grupo são uma mais valia, não só para uma maior perceção de um determinado assunto da aula, como também ajuda no estudo e na preparação do teste de avaliação.

Como últimas escolhas temos com 22 escolhas *“Ajuda no estudo de determinada matéria”* e com 20 escolhas *“Incentiva a procura de novos conhecimentos”*, o que nos indica que os trabalhos de grupo podem incentivar o aluno à pesquisa de novos conhecimentos.

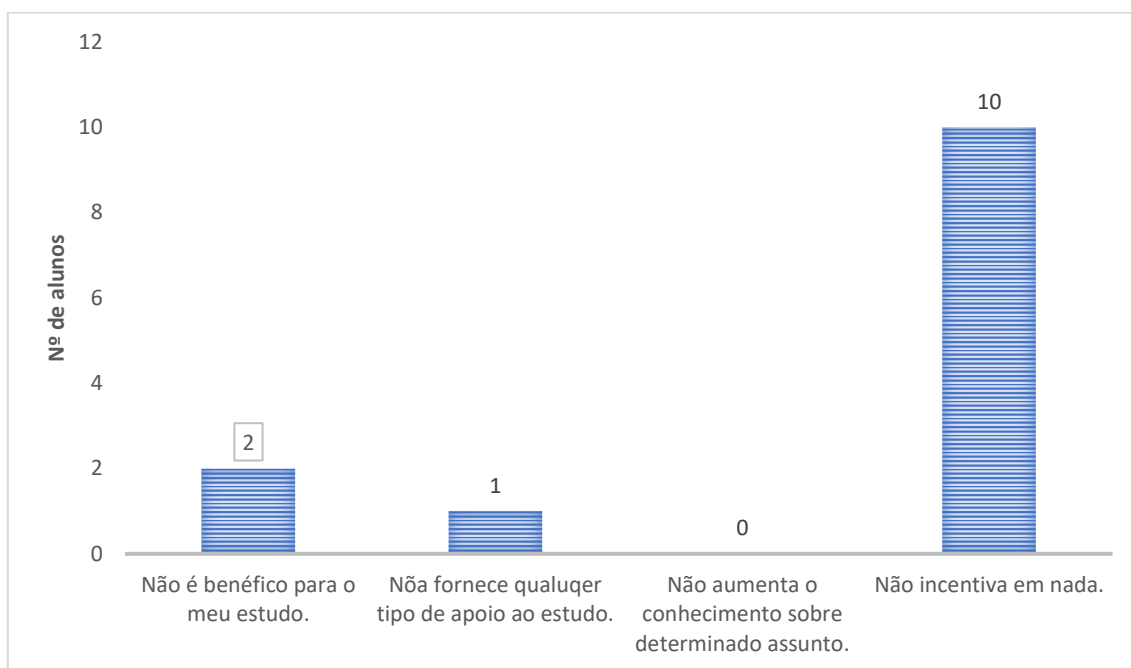


Gráfico 15 Se não, porquê?

No gráfico 15, observamos que a maioria, de um núcleo de 11 alunos, considera que os trabalhos de grupo nada trazem de benéfico, tendo 10 alunos escolhido a opção *“Não incentiva em nada”*. Com duas escolhas temos ainda a opção *“Não é benéfico para o meu estudo”* e uma escolha na opção *“Não fornece qualquer tipo de apoio ao meu estudo”*.

Para finalizar o grupo II do inquérito, realizamos como última questão *“Qual destes materiais usas como apoio ao estudo, na preparação do testes”*, podendo os inquiridos escolher várias opções.

Olhando para os resultados do gráfico da gráfico 16, enumeramos as preferências ao nível do estudo que os alunos utilizam para a preparação do teste de avaliação: 1) *“Powerpoint”*, escolhido por 49 alunos, o que para a maioria dos inquiridos demonstra ser uma ferramenta essencial, comparando com o gráfico 14, este facilita a compreensão da matéria dada pelo professor; 2) *“Apontamentos das*

aulas”, escolhido por 45 alunos, indica-nos que é constante o estudo por estes através de apontamentos tirados durante a aula; 3) *“Trabalhos de grupo individuais”*, escolhido por 33 alunos, demonstra que os trabalhos também são importantes para a preparação da ficha de avaliação; 4) *“Livros, artigos e documentos”* escolhido por 28 alunosm estes preferem o estudo através de livros, artigos e documentos; 5) *“Estudar pela sebenta”*, 9 alunos, o que nos indica que é raro o estudo através da sebenta; 6) *“Partituras”*, 1 aluno, raro o estudo através de partituras.

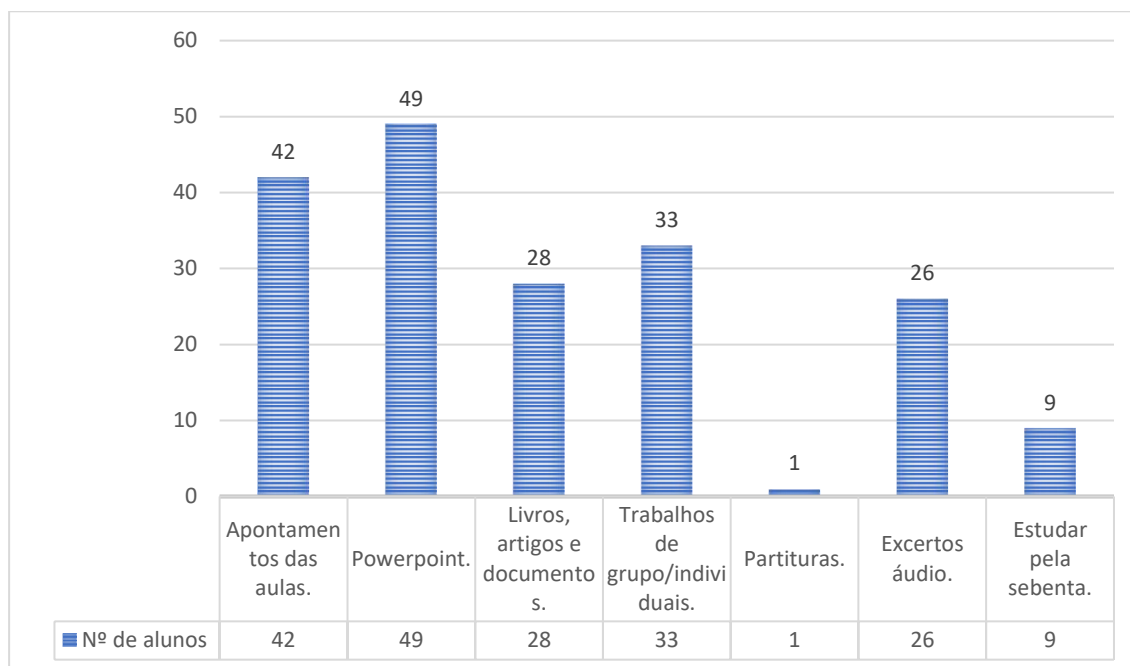


Gráfico 16: Qual destes materiais usas como apoio ao estudo, na preparação dos testes?

3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

3.1 CONTEXTO GERAL DE INTERVENÇÃO

3.1.1 HISTÓRIA E CARATERIZAÇÃO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN DE BRAGA

O projeto pedagógico foi realizado no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, no ano letivo 2016/2017. Esta instituição foi fundada a 7 de novembro de 1961 pela Pedagoga e Pianista Maria Adelina Caravana. Esta criou e desenvolveu um projeto que viria a ser inovador em Portugal, com ensino artístico integrado a partir dos 3 anos de idade, funcionando como uma instituição de tipo associativo de carácter particular, as receitas advinham das propinas dos alunos, quotas dos associados, mecenas e outras entidades e organismos. O Conservatório Regional de Braga, como se designava na altura, obteve em 1967 o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo sido construído um edifício com as melhores condições possíveis para o ensino artístico. Em 1971, o sistema pedagógico contemplava o ensino da música, da dança e das artes plásticas desde o ensino pré-escolar até ao ensino superior de música, passando de ensino privado para ensino público sendo dependente da administração do Liceu Nacional D. Maria II. Em 1982 dá-se uma reestruturação do conservatório, dando origem à Escola de Música Calouste Gulbenkian como um estabelecimento autónomo especializado no ensino da música, ministrando em regime integrado o ensino primário, preparatório e secundário.

Atualmente o conservatório assume-se como escola básica e secundária artística pública especializada no ensino da música, com planos curriculares próprios estruturados em regime de ensino integrado com os três ciclos do ensino básico e secundário, havendo ainda a possibilidade de frequência do ensino da música em regime supletivo. Em regime de curso livre, aberto a toda a comunidade e sem provas de ingresso, funciona a disciplina de Dança. Por ano, em média, frequentam o Conservatório cerca de 850 alunos tendo um corpo docente constituído por 131 docentes. O Conservatório de Música Calouste Gulbenkian é muito procurado por pais e alunos, devido ao sucesso educativo obtidos através de apresentações públicas, dos rankings dos exames e provas finais e pela avaliação externa. Todavia, apenas uma pequena percentagem de alunos prossegue estudos de música no ensino secundário, percentagem essa, que tem vindo a aumentar nos últimos anos. A este facto não será alheio o

desenvolvimento artístico musical no país e a criação da Licenciatura em Música na Universidade do Minho.

3.1.2 CARATERIZAÇÃO DAS TURMAS ALVO DE INTERVENÇÃO

A prática pedagógica supervisionada realizou-se no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian no ano letivo de 2016/2017, dividindo-se em duas fases; observação de aulas e intervenção pedagógica.

A primeira fase, teve início na metade do mês de outubro, na qual observamos várias turmas de anos de escolaridade dispare. Na disciplina de História e Cultura das Artes presenciamos a turma B do 10º e a turma A do 11º ano, na disciplina de Formação Musical observamos as turmas A, do 4º, 5º e 8º anos. Esta fase foi muito importante, ajudando-nos na compreensão das turmas, proporcionando – nos uma maior aprendizagem no sentido pedagógico como na ajuda da construção de planificações, materiais e metodologias a serem utilizadas, foi também de extrema importância a ajuda das comunicações que tivemos ao longo desta fase através dos professores cooperantes.

3.1.2.1 DISCIPLINA: HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES

Turma B – 10º ano

A turma B da disciplina de História e Cultura das Artes do 10º ano era composta por 17 alunos, com idades entre os 15 e 16 anos, sendo o género masculino o que mais predominava.

Durante a observação das aulas e informações que o professor cooperante nos transmitiu, verificamos alunos com conhecimentos dispare, proporcionando um distanciamento a nível dos conhecimentos entre eles.

Em contexto de sala de aula, a turma demonstrou ser pouco participativa e comunicativa, mesmo havendo um nível alto de interação por parte do professor, noutra ponto de vista, pareceu – nos ser uma turma motivada pelos conhecimentos que iam adquirindo durante as aulas, devendo-se ao constante diálogo protagonizado pelo professor. Os alunos tinham ainda acesso a um drive onde poderiam consultar todo o material e bibliografia dado na aula, todos estes elementos proporcionavam um bom ambiente para a aprendizagem em sala de aula. A metodologia usada pelo professor foi o método expositivo dialogante, aulas dinâmicas, sendo utilizados vários recursos como, *PowerPoint*, leitura de artigos, mostragem de iconografia musical, partituras e excertos musicais.

Turma A – 11º ano

A turma A de História e Cultura das Artes do 11º ano era composta por 17 alunos, com idades entre os 16 e 17 anos, sendo o género feminino o que mais predominava.

Durante a fase de observação e informações recolhidas, podemos constatar que a maioria dos alunos ambicionava prosseguir os seus estudos musicais no ensino superior.

Na sala de aula verificamos uma turma muito participativa e interventiva, colaborando e dialogando com o professor, proporcionando alguns debates e partilha de ideias entre colegas sobre as temáticas lecionadas. O método expositivo dialogante estava presente na sala de aula, uma leção bastante dinâmica e dialogante, com recurso a vários tipos de materiais como: PowerPoint, áudios de excertos musicais, vídeos, mostragem de iconografia musical e partituras. Esta turma também tinha acesso a um drive onde poderiam consultar todo o material e bibliografia dado na aula, proporcionando uma aprendizagem saudável.

3.1.2.2 DISCIPLINA: FORMAÇÃO MUSICAL

Turma A – 4º ano

A turma A do 4º ano de Formação Musical era constituída por 12 alunos, com idades entre os 9 e 10 anos de idade.

Uma turma bastante trabalhadora, organizada, motivada e empenhada por aprender, grandes facilidades na aprendizagem dos conhecimentos como na realização dos exercícios propostos. Aulas dinâmicas, práticas e motivadoras. O que mais impressionou foi a capacidade de ajuda dos alunos, quando um discente não percebia determinado exercício, o professor ajudava como os próprios colegas apoiavam e motivavam para que ele mesmo fizesse o exercício corretamente. O ambiente de sala de aula era muito saudável, proporcionando uma boa aprendizagem dos conteúdos.

Turma A – 5º ano

A turma A do 5º ano de Formação Musical era constituída por 12 alunos, entre os 10 e 11 anos.

Ao nível da aprendizagem dos conhecimentos, demonstraram ter grandes capacidades na compreensão como na realização de exercícios propostos, havendo somente dois alunos com algumas dificuldades. As aulas eram bastante dinâmicas, práticas e motivadoras para a aprendizagem dos conteúdos.

Turma A – 8º ano

A turma A do 8º ano de Formação Musical era constituída por cerca de 10 alunos entre os 13 e 14 anos.

Segundo o que observamos, demonstrou ser uma turma empenhada, dedicada e motivada por aprender mais. Demonstrou ter grandes facilidades na aprendizagem dos conteúdos como na realização de exercícios. As aulas foram bastante dinâmicas o que proporcionou um bom ambiente na aquisição do conhecimento.

3.3 OBSERVAÇÃO DE AULAS

3.3.1 PRINCÍPIOS DA OBSERVAÇÃO DE AULAS

Segundo Postic (1975), os instrumentos utilizados para a observação de aulas, devem incidir no contexto/meio em que a ação se desenrola, ou seja, a observação tem de ser “fiel e sensível de modalidades de comportamento do professor e das reações que elas suscitam nos alunos, revelando o estilo de entabular comunicação e o estilo de relação pedagógica”. (p. 20)

Estes instrumentos têm como finalidade formar o futuro professor, que através da observação tenha a “possibilidade de ver em que sentido modificou o seu comportamento e se a nova constatação se aproxima dos objetivos que tinha fixado”. (Postic, 1975, pp. 20 – 21)

Para nós, a observação enquanto formando, foi de extrema importância pelo facto de nos ter proporcionado uma aprendizagem a nível pedagógico. Para sintetizarmos a informação que íamos recolhendo ao longo das aulas observadas, elaboramos uma grelha (Anexo 2) que nos permitiu organizar o nosso pensamento e os aspetos que fossem de encontro com o tema de relatório de estágio, resultando num instrumento que incidia na observação de metodologias, estratégias, atividades, comunicação e materiais pedagógicos. Foi também muito importante o apoio incondicional dos professores cooperantes, que desde cedo sempre nos ajudaram, acreditando na importância que novas estratégias poderiam ajudar os seus alunos.

3.3.2 ANÁLISE DAS GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

3.3.2.1 HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES

A observação de aulas na disciplina de História e Cultura das Artes teve início na metade do mês de outubro e realizou-se nas turmas do 10º ano, turma B e no 11º ano, turma A, as aulas tinham uma duração de 100 minutos divididos em dois períodos de 45min, havendo um intervalo de 10 min entre cada. Para uma melhor compreensão e escrita classificamos o 10º ano como turma 1 e o 11º ano turma 2. Na turma 1, foram lecionados conteúdos do período medieval e renascentista, na turma 2 conteúdos referentes ao período renascentista, barroco e clássico.

De um modo geral, tanto a turma 1 como a 2 tinham alunos com mais facilidades de aprendizagem dos conteúdos do que outros. O que nos impressionou logo no início das aulas, foi disposição de lugares, alunos com mais dificuldades estavam sentados ao lado dos que revelavam mais facilidades, havendo espírito de ajuda, o que proporcionava um bom ambiente de aprendizagem.

Em termos de participação, verificamos que a turma 1 não era muito interventiva, a maioria do diálogo na sala de aula era procurado e proporcionado pelo professor, ao contrário da turma 2, com alunos mais interventivos, havendo um diálogo constante entre professor – aluno, colocando-se questões/dúvidas sobre os conteúdos, proporcionando algumas vezes debates de ideias entre os mesmos.

Quanto à metodologia utilizada em sala de aula, o método expositivo dialogante predominava. Todas as aulas seguiam uma linha de pensamento estratégico, em primeiro lugar era apresentado à turma um breve sumário do que iriam aprender naquela aula, seguindo-se de questões colocadas pelo professor sobre a matéria aprendida anteriormente, abrindo portas ao esclarecimento dúvidas sobre os conteúdos como ao estudo realizado casa. Em determinadas aulas apresentavam também questões relacionadas sobre os seus trabalhos de pesquisa, procurando um melhor entendimento sobre o que tinham descoberto, o que nos revela a sua curiosidade pela investigação histórica.

A próxima fase da aula incidia na aprendizagem de um novo conteúdo. O docente, através do diálogo, procurou realizar junto dos alunos uma ligação entre conhecimento antigo com o novo. As exposições dialogantes das novas temáticas eram acompanhadas por um *PowerPoint*, em que eram mencionados os tópicos e ideias chave, ilustrações de imagens, partituras, posteriormente analisadas, mostragem de vídeos, citações de autores, excertos áudio e tabelas com informação. Nesta fase era

recorrente o diálogo entre professor – aluno, verificando-se não só a boa relação entre professor – aluno, como a motivação dos envolvidos.

No final da aula o professor colocava questões sobre o conhecimento adquirido, fornecendo-lhes também a bibliografia para estudo do mesmo. Importa referir que o docente disponibilizou nas duas turmas uma *drive online*, que permitia aos discentes terem acesso a todo o material utilizado na aula.

O momento de avaliação da disciplina, nas duas turmas, foi constituído em duas fases, um teste escrito, bastante tradicional e a elaboração de um trabalho de grupo com a respetiva apresentação. O trabalho incidiu sobre temáticas relacionadas com os conteúdos dados nas aulas, foi dada a liberdade de escolha a cada um dos grupos. No final de cada apresentação, constatamos debates entre os alunos sobre as ideias apresentadas, o professor dava a oportunidade a cada discente (ouvinte) referir pontos positivos e eventualmente negativos do trabalho apresentado, podendo o grupo defender-se em relação aos argumentos apresentados pelos colegas, demonstrando ser uma estratégia beneficiadora para a aprendizagem, principalmente à construção analítica/crítica do próprio aluno. Antes da realização dos trabalhos, foi fornecido aos alunos várias ferramentas à sua construção, tanto ao nível da estruturação de ideias quer à parte de investigação e pesquisa. Do nosso ponto de vista, a realização de trabalhos revelou ser uma um exercício pedagógico que beneficiou a aprendizagem, melhorando os níveis de motivação dos alunos para futuras aprendizagens, como também incentivou a pesquisa e a investigação por novos conhecimentos.

É importante referir, que a turma dois com a ajuda do professor cooperante realizou um filme sobre a escola, retratando a importância da escola na comunidade educativa. Os alunos realizaram entrevistas a professores, alunos, antigos alunos, funcionários, encarregados de educação e gravações de concertos, sendo o trabalho de edição da responsabilidade do professor cooperante e dos alunos. Neste trabalho notou-se uma grande cooperação e motivação em toda a turma. O projeto foi apresentado a toda a comunidade escolar, que culminou num resultado de grande valor educativo.

3.3.2.2 FORMAÇÃO MUSICAL

Na disciplina de formação musical, a nossa observação passou pelas turmas A do 4º, 5º e 8º anos, a duração das aulas era de 100 minutos, divididas em blocos de 45+45 minutos, havendo um intervalo de 10 minutos entre eles.

Num modo geral, as turmas revelaram ter facilidades de aprendizagem tanto na aquisição de conhecimentos como na realização de exercícios, demonstraram sempre disponibilidade e motivação para aprender, revelaram um grande companheirismo entre colegas, ajudando o próximo a ultrapassar as dificuldades, dando uma motivação extra a quem as possuía.

Ao nível pedagógico as aulas demonstraram ser práticas, havendo recorrentemente um discurso dialogante entre professor-aluno, outro dos pontos que constatamos, foi o plano de aula, seguindo uma estrutura de trabalho beneficiadora para a aprendizagem.

Na fase inicial era ditado o sumário, dando a entender aos alunos o que iam aprender na aula, preparando-os para a fase de aprendizagem. Ainda nesta fase, o docente colocava questões sobre o conhecimento adquirido anteriormente, havendo espaço para o esclarecimento de dúvidas, seguindo-se a correção dos trabalhos de casa, corrigidos pelo docente, através de um discurso positivo e motivador.

A próxima fase incidia na aprendizagem de um novo conteúdo, era distribuída a toda a turma uma ficha de trabalho sobre o tema da aula, continham leituras, questões, canções e exercícios auditivos.

As estratégias utilizadas dependiam dos exercícios que a ficha continha, para o trabalho das canções, após o aquecimento vocal, os alunos começavam por aprender a letra, através do ritmo da palavra, seguindo-se o solfejo rítmico percutido em palmas, sucedendo à entoação com o nome de notas, para finalizar cantavam a canção na íntegra. Outras das estratégias implementadas no uso da canção, que achamos importantes para o desenvolvimento musical das crianças, foi incentivo à criatividade, improvisação e composição, era pedido a cada aluno que criasse ou improvisasse um ostinato rítmico tocado com instrumental orff ao longo da canção.

Ao nível das leituras, os alunos solfejavam segundo a metodologia de Kodály. Os exercícios auditivos, ditados rítmicos, melódicos e intervalos, eram realizados ao piano ou por gravações, havendo uma preparação antes de cada exercício. Era também recorrente o docente escrever algumas questões no quadro, colocando perguntas a toda a turma, quem tinha mais dificuldades era ajudado pelo professor como também pelos colegas. No final da aula o docente esclarecia dúvidas, mencionava os trabalhos de casa e dava um feedback sobre o trabalho, sempre com uma comunicação positiva.

3.4 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Neste capítulo procedemos ao escrutínio da nossa intervenção pedagógica, realizada nas disciplinas de História e Cultura das Artes e Formação Musical. Os conteúdos lecionados foram sugeridos pelos professores cooperantes. Na nossa intervenção pedagógica utilizamos o método expositivo dialogante, colocando em prática uma metodologia tradicional, todavia utilizada com a aplicação de novos princípios pedagógicos.

3.4.1 HISTÓRIA E CULTURA DAS ARTES

Planeamento de Aula	
Temática de aula	Vida e Obra de Ludwig van Beethoven (1770 – 1827).
Planeamento prévio do Docente	a) Planificação da aula: a. Estudo prévio da temática a trabalhar; b. Objetivo educativo da aula; c. Metodologia/Estratégias a usar; i. O tipo de turma a quem vamos lecionar; ii. Materiais pedagógicos a serem utilizados;
Pretendido durante a aula	a) Método expositivo dialogante a. Diálogos entre: professor – aluno; aluno – professor; aluno – aluno; b. Desenvolver a reflexão e o pensamento crítico; c. Incentivar à leitura e pesquisa;

Quadro 1: Planeamento de Aula - História e Cultura das Artes

No quadro apresentado acima, elaboramos um planeamento de aula, no qual organizamos por ordem os passos que utilizamos desde a pré-lecção, à leção e pró – leção.

A temática da aula a lecionar, proposta pelo nosso professor cooperante, foi a “Vida e Obra de Ludwig van Beethoven (1770 – 1827), sabendo a temática, coube-nos a nós preparar e planificar a aula.

O planeamento prévio do docente antes da leção é de extrema importância. Em primeiro lugar, realizamos um estudo histórico pormenorizado, neste sentido começamos por pesquisar, recolher e estudar informação de fontes fidedignas, um aspeto que devemos ter em grande consideração, pelo facto que nos dias de hoje, qualquer pessoa através de um simples clique na internet consegue aceder ao mais variado tipo de informação que muitas das vezes não corresponde à veracidade ou provém de fontes duvidosas. Para que isso não aconteça, na nossa opinião, devemos criar a nossa própria base de

dados relativamente à informação fidedigna que acedemos no ramo da musicologia/história, como por exemplo: bibliografia (livros, revistas científicas, artigos, teses, sites, jornais, entrevistas), selecionar autores de renome nacional e internacional e por ultimo estabelecer uma relacionamento próximo de partilha e conhecimento com pessoas ligadas ao ramo da musicologia/história, como por exemplo, conversar com musicólogos/docentes próximos, participar em colóquios. Se vamos partilhar conhecimento com os alunos, é nossa obrigação enquanto docente oferecer – lhes o melhor possível.

Apresentamos a lista de fontes documentais que utilizamos para a exposição dos conteúdos.

Fontes Documentais	
Documentos Textuais	<ul style="list-style-type: none"> • Buch, E. (2005). <i>A Nona Sinfonia de Beethoven</i>. Lisboa: Terramar. • Candé, R (2003). <i>História Universal da Música</i>, vol. 1. Porto: Afrontamento. • Cardoso, J. M. P & Borges, M. J. (2003). <i>História da Música – Manual do Aluno do 2º Ano</i>. Lisboa: Sebenta. • Einstein, A. (1947) <i>Music in The Romantic Era</i>. London: Norton & CO. • Grout, D. J. & Palisca, C. V. (2001). <i>História da Música Ocidental</i>. Lisboa: Gradiva. • Jenkins, L., Hamilton, C. U., Johnson, S & McCleery, D. (2013). <i>Breve História da Música Ocidental</i>. Lisboa: Bizâncio. • Michels, U. (2007). <i>Atlas da Música II – Do Barroco à Actualidade</i>. Lisboa: Gradiva • Platinga, A. (1947) <i>La Música romántica</i>. Madrid: Akal música. • Poggi, A. & Vallora, E. (1995) <i>Beethoven reportório completo</i>. Madrid: Editiones Cátedra. • The Beethovenn – Haus Bonn Association (1889). Disponível em: https://www.beethoven.de/en/ • San José State University - The Center for Beethovenn Studies (1985). Disponível em: https://www.sjsu.edu/beethoven/
Documentos Pictóricos	<ul style="list-style-type: none"> • O portal da História onde o passado encontra o futuro. Disponível em: http://www.arqnet.pt/portal/imagemsemanal/agosto0502.html • The Beethovenn – Haus Bonn Association (1889). Disponível em: • https://www.beethoven.de/en/ • San José State University - The Center for Beethovenn Studies (1985). Disponível em: https://www.sjsu.edu/beethoven/

Quadro 2: Fontes Documentais - História e Cultura das Artes

Em segundo lugar, o objetivo educativo da aula, a partir desta conjuntura de palavras, devemos problematizá-la em duas questões: O que vamos ensinar? Como vamos ensinar?

Relativamente à primeira questão, devemos questionar-nos enquanto docente, qual o objetivo e que resultados pretendemos? Para nós, o objetivo primordial desta aula prende-se no facto de os alunos adquirem conhecimentos próprios em que possam situar no tempo e contextualizar as fases criadoras do compositor Ludwig van Beethoven (1770 – 1827). Quanto aos resultados da aprendizagem é pretendido que estes conheçam a vida e obra como as características de cada uma das fases criadoras.

Em sintonia com o objetivo e resultados de aprendizagem, organizamos toda a informação recolhida e estudada que achamos pertinente a abordar na aula.

Organizador Tema/Subtema	Objetivos: O aluno deve ser capaz de:
L. V. Beethoven 1º fase – a fase clássica 1770 – 1802.	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualizar, conhecer e identificar os aspetos da vida musical do compositor na sua 1º fase; • Referir a importância de <i>(Christian Gottlob Neefe (1748 – 1798))</i> na educação musical do compositor; • Indicar os motivos que levaram Beethoven a realizar a sua 1º viagem a Viena (1787) e o seu retorno indesejável; • Definir as ideias da Revolução Francesa (1789 – 1799) e do movimento “Sturm und Drang”; • Desenvolver um pensamento reflexivo sobre como essas ideologias influenciaram a sua música; • Contextualizar a 2º Viagem de Beethoven a Viena 1792; • Compreender o início da depressão de Beethoven (Surdez) – 1802, analisando e explorando o <i>“Testamento de Heiligenstadt”</i> – 1802; • Enunciar e identificar as características musicais da primeira fase de Beethoven, como as suas principais obras;
L. v. Beethoven 2º fase – fase do amadurecimento (1802 - 1813)	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualizar, conhecer e identificar os aspetos da vida musical do compositor na sua 2º fase; • Compreender a independência do artista; • Perceber o que determinou a recuperação do artista na sua fase decadente;

	<ul style="list-style-type: none"> • Enunciar as características e a importância da terceira sinfonia “Heroica”; • Conhecer a primeira ópera de Beethoven “Leonora” mais tarde <i>Fidélio</i>; • Desenvolver o seu pensamento sobre a sinfonia nº 6 Pastoral, como a percussora da música programática; • Enunciar e identificar as principais características e obras da 2ª fase criadora.
L. v. Beethoven 3ª fase – fase Transcendente (1802 - 1813)	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualizar, conhecer e identificar os aspectos da vida musical do compositor na 3ª fase; • Enuncia as características e a importância da 9ª sinfonia; • Conhecer e identificar as principais obras e as características da 3ª fase criadora.

Quadro 3: Organizador e Objetivos - História e Cultura das Artes

Relativamente à segunda questão, colocada anteriormente, devemos agora procurar uma metodologia e estratégias que se enquadrem com os objetivos propostos. A metodologia que usamos, como é retratada no presente relatório de estágio, é o método expositivo dialogante.

A partir da observação de aulas e do estudo aos inquéritos realizados pelos alunos antes da intervenção pedagógica, recolhemos várias informações sobre o tipo de aluno/turma a quem vamos lecionar, proporcionando um conhecimento antecipado dos alunos como também do espaço físico (sala de aula). As estratégias implementadas, pensadas para esse propósito, têm uma maior chance de sucesso, beneficiando a aprendizagem, não tendo essa perspectiva, a sua implementação pode correr o risco de se tornar ineficaz. A partir destes pontos chave, idealizamos algumas estratégias que achamos beneficiadoras para a prática do método expositivo dialogante, com o objetivo pedagógico favorável para ambas as partes, professor e aluno.

Estratégias a implementar
<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dos conhecimentos através da metodologia expositiva dialogante; • Procurar o diálogo de ideias e pensamentos entre professor- aluno e aluno – aluno; • Organizar debates entre todos os intervenientes; • Incentivar à pesquisa de novos conhecimentos; • Multidisciplinaridade dos conhecimentos adquiridos com outras áreas do saber; • Procurar elos de ligação entre o conhecimento já adquirido com o presente e o futuro.

<ul style="list-style-type: none"> • Mostragem de iconografia musical: excertos áudio, vídeos com interpretes ou partitura, imagens da época; • Visualização e leitura de textos alusivos à época; • Uso do PowerPoint; 	
Estratégias a implementar nas temáticas	
L. V. Beethoven 1º fase – a fase clássica 1770 – 1802	<ul style="list-style-type: none"> • Ilustração da árvore genealógica da família Beethoven e suas respetivas imagens (<u>Johan Van Beethoven (1740 -92), Maria Magdalena Karavich (1746 -1787), Ludwig Van Beethoven (1770 – 1827), Kasper Anton Carl Beethoven (1775 – 1815) e Nicolaus Johann Van Beethoven (1776 – 1848)</u>); • Imagens da casa da família Beethoven em <u>Bonn (1770), Alemanha</u>; • Imagens alusivas aos professores que deram aulas a Beethoven: (<u>Antigo organista da corte de Van den Eaden- aulas de teoria musical</u>), (<u>Tobias Friedrich Pfeiffer – aulas de piano</u>) e (<u>Franz Rovantini – aulas de violino e viola</u>); • Citação de Christian Gottlob Neefe (1748 – 1798) numa notícia sobre Beethoven na <u>“Cramer´s Magazine der Musik – 2 de março 1783”</u>; • Audição do excerto musical através da partitura do primeiro trabalho publicado de Beethoven <u>“Variações sobre uma marcha de Dressler, woo 63, publicado por Gotz em Mannheim 1782/3”</u>; • Audição da <u>“Cantata sobre a morte de Joseph II, woo87, 1790”</u>; • Citação de uma carta de Beethoven a Ch.G.Neef sobre J.Haydn(1732 – 1809) em 1793; • Citação de uma carta de Beethoven a Wegele (1765 – 1845) sobre o seu desespero; • Imagem original do <u>“Testamento de Heillihenstadt”</u> - 1802 e excertos do mesmo; • Audição Concerto para piano nº 1 em Dó Maior, Op.15; • Audição Sinfonia nº 2 em Ré Maior, Op. 36 1803.
L. v. Beethoven 2º fase – fase do amadurecimento (1802 - 1813)	<ul style="list-style-type: none"> • Citação de <u>Karl Casper</u>, irmão de Beethoven, sobre a sua recuperação, 12 de fevereiro de 1803; • Audição: 3º Sinfonia Mib Maior “Heroica” Op.55, 1803; • Audição:Fidelio oder Die eheliche Liebe – 20 de Novembro1805 1º versão – 23 de Maio de 1814 versão final;

	<ul style="list-style-type: none"> • Audição: 6º sinfonia em Fá maior, Op. 68 – 1808;
L. v. Beethoven 3º fase – fase Transcendente (1802 - 1813)	<ul style="list-style-type: none"> • Citação de Beethoven sobre a sua angústia 13 de maio 1813; • Audição: Sinfonia nº 9 em ré menor Op. 125, 1818 – 1824;
Recursos/Materiais	
<ul style="list-style-type: none"> • Uso do PowerPoint • Sistema de som; • Sistema de projeção; 	
Duração de aula: 100 min.	

Quadro 4: Estratégias a Implementar - História e Cultura das Artes

Após a elaboração da planificação, passamos agora para a segunda fase, a nossa intervenção pedagógica segundo o que elaboramos.

APLICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS EM AULA – MÉTODO EXPOSITIVO DIALOGANTE

Através dos inquéritos realizados aos alunos, percebemos que PowerPoint era uma ferramenta da qual os alunos apreciavam bastante.

Sendo assim, construímos um PowerPoint que pudesse guiar os alunos ao longo da aula através dos conhecimentos que eram expostos pela exposição dialogante, mas também que lhes proporcionasse uma aprendizagem profícua através de palavras-chave, imagens e citações alusivas à época, como também a audição e visualização de vídeos das obras com partitura ou intérprete.

a) Introdução à aula

- Preparação do material necessário, projeção e sistema de som.
- PowerPoint na tela, com primeiro diapositivo: imagem de L. V. Beethoven (1770 – 1827).



Imagem 1: L. V. Beethoven (1770 – 1827)

Comentário: Com isto pretendíamos que os alunos ao entrarem na sala de aula olhassem para a tela e começassem a pensar em todas as informações que detinham sobre o compositor. Quando entraram na sala de aula, todos os alunos olharam para a tela e perceberam de imediato o tema comentando entre si.

- Após este primeiro impacto, iniciou-se o diálogo com os alunos, lançando a primeira questão: quem foi Ludwig van Beethoven (1771 – 1827)? Todos os alunos compartilharam os conhecimentos/informações que possuíam no momento, enriquecendo o conhecimento de todos os intervenientes da sala de aula.
- Seguiu-se um pequeno resumo do assunto a tratar de modo a cativar os discentes para a fase seguinte, e a apresentação dos objetivos de forma clara a toda a turma, como sugere Rosenshine e Stevens (1986) “Mencionar os objetivos da exposição; concentrar-se num único objetivo; Evitar divagações; Evitar frases ambíguas.” (citado em Lopes & Silva, 2010, p. 38).

b) Materiais Pedagógicos utilizados

Imagens

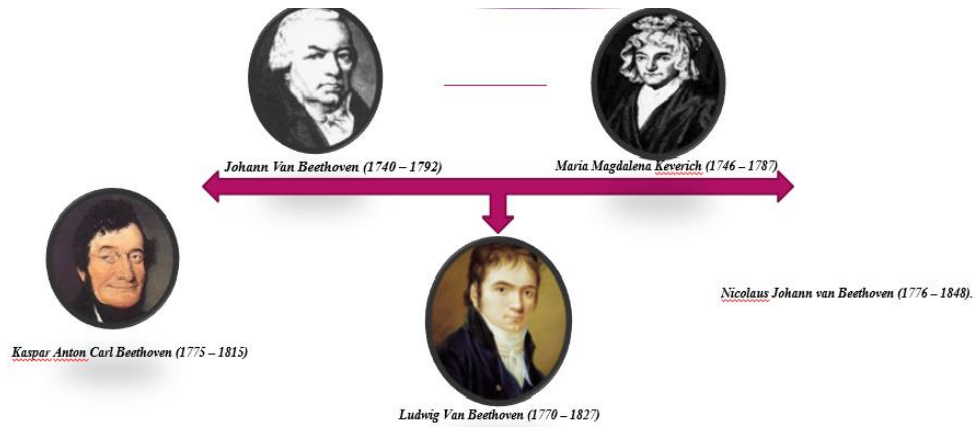


Imagem 2: Árvore genealógica da família do compositor.



Imagem 3: O compositor na sua infância



Imagem 4: Imagens da casa de Beethoven em Bonn (Alemanha)

- A partir das imagens da figura 4, incentivamos os alunos à pesquisa, pedindo uma pesquisa mais pormenorizada sobre a cidade de Bonn, com o objetivo de procurar informações, imagens ou relatos do compositor, durante a sua estadia na cidade, factos que não tivessem sido abordados na aula.



Imagem 5: Friedrich Maximilian Klinger (1752 - 1831)



Imagem 6: Jean Bertaux (1747 - 1818) - A ocupação do Palácio de Tuileries.

- No que concerne à figura 5 e 6, procuramos a multidisciplinaridade entre as várias áreas do saber, História da Música, História e Filosofia. A partir das imagens, foi proposto aos alunos que se pronunciassem sobre a Revolução Francesa e o movimento “Sturm and Drung”. Após a discussão de ideias, foi pedido que refletissem como essas ideias iriam influenciar as ideologias

do compositor como também a sua música. Neste processo, procuramos estabelecer uma linha de pensamento que ligasse o conhecimento já adquirido às futuras aprendizagens.

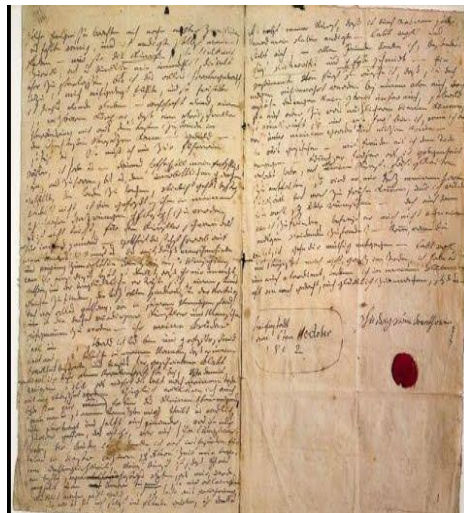


Imagem 7: Manuscrito do testamento de Heilingstad (1802).

- Relativamente à figura 7, o testamento de Heilingstad (1802), tiveram a possibilidade de visualizar o manuscrito original. A partir desta imagem, acompanhada da descrição do mesmo, os alunos refletiram o processo de decadência do compositor relativamente ao seu estado de saúde.

Comentário: As imagens apresentadas, através do PowerPoint, melhoram significativamente a qualidade pedagógica e têm várias funções estratégicas: “Função de diálogo. Estabelece e incentiva o diálogo entre professor e aluno”. (Monteiro, 2003, p. 137)

Através delas, pretendíamos, fomentar a curiosidade, a investigação e o diálogo, o que demonstrou ser uma estratégia positiva. Das imagens apresentadas, as que mais chamaram a atenção foi a árvore genealógica da família de Beethoven, as imagens da sua casa em Bonn, a pintura de Jean Bertaux (1747 – 1818) - A ocupação do Palácio de Tuileries e os manuscritos do testamento de Heilingstad (1802).

Citações Históricas

Além da visualização de imagens, procedemos também à leitura de citações de correspondência e revistas musicais de vários compositores e personalidades da época. Este tipo de estratégia tem como principal objetivo a aprendizagem dos conteúdos através de factos históricos, e nada melhor do que aprender através das próprias palavras escritas pelos autores em estudo.

Autor	Mensagem	Objetivo/Tarefa
Ch. H. Neefe (1748 – 1798)	<p>“Lwdvig Van Beethoveen ... um menino de 11 anos e de um talento muito promissor. Toca piano com muita habilidade e poder, lê com facilidade à primeira vista.....Ele está a estudar composição e para seu incentivo foi publicado por Mannheim as “9 variações sobre uma marcha de Dressler”. Este jovem génio merece ajuda para levá-lo a viajar. Ele certamente se tornaria um segundo W.A. Mozart ...</p> <p><i>“Citação de uma comunicação de Neefe no Cramer´s Magazine der Musik 2 de Março de 1783</i></p>	<p>Objetivo: Demonstrar aos alunos o quão promissor já era Beethoven na sua infância.</p> <p>Tarefa: Após a leitura do texto, compreender o nível musical de Beethoven na infância.</p>
F. Ernst von Waldstein I (1762 - 1823)	<p>“Caro Beethoven! Hoje parte para Viena, cumprindo os seus desejos, tanto tempo contrariados. O génio de Mozart ainda se atormenta e chora a sua morte. Encontrou refúgio no inesgotável Haydn, mas nenhum emprego. Por seu intermédio ele procura novamente alguém a quem se unir. Com trabalho sem descanso, você irá receber, das mãos de Haydn, o espírito de Mozart” <i>Citação de uma carta escrita a Beethoven – Bonn, 29 de Outubro de 1792.</i></p>	<p>Objetivo: Demonstrar quais os objetivos que Beethoven pretende com a viagem.</p> <p>Tarefa: Após a leitura, compreender a razão da viagem de Beethoven a Viena.</p>
L. V. Beethoven (1770 – 1827)	<p>“Se alguma vez eu me tornar um grande homem, algum do crédito será seu” <i>Citação de uma carta escrita Ch. Neefe – 1793, Viena</i></p>	<p>Objetivo: Compreender A insatisfação de Beethoven para com Haydn relativamente às suas aulas de música.</p> <p>Tarefa:</p>

		Pensar por que motivo Beethoven escreve esta carta a Neefe, quando está em Viena a receber aulas do grande mestre Haydn.
L. V. Beethoven (1770 – 1827)	<p>“Eu nunca deveria ter escrito este tipo de peça, como se eu já não tivesse notado com bastante frequência, como algumas pessoas em Viena quando me ouvem a improvisar, escrevem algumas notas sobre o meu estilo e com orgulho mostram como se fossem deles. Como eu previ que as peças iriam ser rapidamente publicadas resolvi antecipar-me a elas. Mas há outra razão também, o meu desejo de embaraçar os pianistas vienenses, alguns são meus inimigos. Eu quero vingar – me deles desta forma, porque eu sei de antemão que as minhas variações iam ser postas aqui e ali ...”</p> <p><i>Citação de uma carta escrita a Eleonore Van Breuning – Viena 1793</i></p>	<p>Objetivo: Demonstrar a evolução do posto de músico na sociedade, o início do músico independente.</p> <p>Tarefa: Compreender a importância do músico independente, e quais os fatores que levou Beethoven a optar por essa via.</p>
L. V. Beethoven (1770 – 1827)	<p>“Devo confessar que estou a viver uma vida miserável. Por quase dois anos deixei de me incluir em quaisquer funções sociais, só porque acho impossível dizer às pessoas ... Se tivesse qualquer outra profissão seria mais fácil, mas na minha profissão é uma desvantagem terrível. Quanto aos meus inimigos, de quem eu tenho um bom número, o que eles diriam?”</p> <p><i>Citação de uma carta escrita a Wegeler, médico e amigo confidente – Viena 1802</i></p>	<p>Objetivo: Explicar a situação clínica de Beethoven e o resultado desse mesmo problema.</p> <p>Tarefa: Analisar e perceber que motivos levaram Beethoven a sentir-se frustrado e angustiado.</p>
L. V. Beethoven (1770 – 1827)	Leitura do Testamento de Heillingstad - 1802	<p>Objetivo: Compreender o desespero do compositor devido a situação terrível que passa.</p>
K.A.Carl Beethoven (1775 – 1815)	<p>“Já devem ter ouvido dizer, que meu irmão foi contratado pelo Theater an der Wien, está a escrever uma ópera, é responsável pela orquestra e pode dirigir se for necessário?”</p>	<p>Objetivo: Demonstra a o rejuvenescimento do artista.</p> <p>Tarefa:</p>

	<i>Citação de uma carta escrita a Breitkopf e Hartel, - 12 de fevereiro 1803.</i>	Entender os motivos que levou Beethoven a ultrapassar a tenebrosa situação.
--	---	---

Quadro 5: Citações Históricas - História e Cultura das Artes

Comentário: Numa aula expositiva dialogante, este tipo de estratégia demonstrou ser bastante positiva para a transmissão de conhecimentos, porque abriu espaço a debates, à construção do pensamento e análise musical. Após a leitura de cada uma das citações apresentadas, cada um dos alunos teve a oportunidade de referir as suas conclusões perante cada um dos textos, abrindo espaço para debate entre professor – alunos e aluno – aluno.

Audições

Obras de Ludwig Van Beethoven (1770 – 1827).

Áudio	Tipo de áudio	Objetivo/ Questão de aula/ Tarefa
9 variações sobre uma marcha de Dressler”, woo 63, Mannheim 1782/3.	Áudio acompanhado com partitura	Objetivo: Compreender a qualidade musical que Beethoven já adquiria na sua infância
Cantata sobre a morte do Imperador Joseph II, woo 87, 1790	Só áudio	Objetivo: Identificar os ideais do compositor. Questão aula: De que modo a revolução francesa e o movimento <i>Sturm and Drung</i> influenciaram a música de Beethoven. A partir da audição procurar perceber se esses ideais se enquadram no excerto áudio.
Sinfonia nº 2 Op. 36 - 1802	Só áudio	Objetivo: A partir da leitura do testamento Heillingstad – 1802, compreender a amargura do compositor.
Sinfonia nº 2 Op. 36 - Adagio Molto – Allegro com brio (1801 – 1802)	Áudio acompanhado com partitura	Objetivo: Compreender as características da sinfonia da 1º fase. Nomear características da sinfonia clássica Tarefa: Encontrar elementos referentes à sinfonia no excerto áudio. (Inclusão do 4º andamento - Scherzo, substituindo o minueto, maior relevância ao naipe das madeiras).

Sonata n° 1 Op.2 – Adagio em Fá Maior - 1794	Áudio acompanhado com partitura	<p>Objetivo:</p> <p>Compreender as características da sonata da 1° fase.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Encontrar elementos referentes à sonata no excerto áudio. (modulações audazes, texturas densas, cuidado meticuloso no uso das dinâmicas).</p>
Quarteto n° 1 Op.18 n° 2 - Adágio Cantabile 1798 - 1800	Áudio acompanhado com partitura	<p>Objetivo:</p> <p>Compreender as características da música de câmara da 1° fase.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Encontrar elementos referentes à música de câmara no excerto áudio. (modulações audazes, texturas densas, cuidado meticuloso no uso das dinâmicas).</p>
Sinfonia n° 3 “Heroica” Op. 55 (1804) Marche Lugubre, RH 617 (1790)	Áudio acompanhado com partitura Só áudio.	<p>Objetivo:</p> <p>Identificar as características inovadoras da sinfonia n° 3. Conhecer os motivos e simbologia da obra. Comparar a marcha fúnebre de Gossec com marcha fúnebre da sinfonia n° 3.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Procurar elementos característicos da sinfonia n° 3. Comparar a marcha fúnebre de Gossec com a marcha fúnebre da sinfonia n° 3</p>
Aria Abscheulicher! Wo eilst du hin? (1814) da Ópera “Fidelio”	Áudio acompanhado da visualização dos intérpretes.	<p>Objetivo:</p> <p>Compreender e identificar as características da ópera de Beethoven.</p>
Quarteto de cordas n° 7 Op. 59 n° 1 – “Allegro” (1806)	Áudio acompanhado com partitura	<p>Objetivo:</p> <p>Identificar as características dos quartetos da 2° fase.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Encontrar elementos referentes aos quartetos no excerto áudio. (Desenvolvimento da forma sonata)</p>
Sinfonia n° 6 “Pastoral” Op. 68 (1806)	Áudio acompanhado com partitura	<p>Objetivo:</p> <p>Identificar as características da sinfonia n° 6 e a razão de a considerarem a percussora do romântico.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Compreendido as características da sinfonia e a sua simbologia, identificar os sinais referentes à natureza durante o excerto áudio. (Sinfonia percussora da música programática)</p>

Sonata n° 23 “Apassionata” Op. 78 – “Allegro Assai” (1804)	Áudio acompanhado com partitura	Objetivo: Identificar as características da sonata da 2ª fase. Tarefa: Encontrar elementos referentes à sonata excerto áudio. (Evolução da sonata clássica)
Sinfonia n° 9 Op. 125 (1824)	Áudio acompanhado com a visualização dos intérpretes.	Objetivo: Identificar as características da sinfonia n° 9. Compreende os ideais éticos de Beethoven, a fraternidade universal do homem na alegria e o amor de um pai celestial que é a base dessa fraternidade.

Quadro 6: Audições - História e Cultura das Artes

Comentário: A utilização do documento sonoro para a aprendizagem dos conteúdos é de extrema importância nas aulas de história, possui um “caracter atraente (...) facilitador de aquisições, pode informar sobre o estilo e códigos de gosto e modos de viver de um determinado período histórico” (Monteiro, 2003, p. 129). Ao longo da nossa aula expositiva dialogante os alunos ouviram vários excertos áudio. A partir dos dados recolhidos nos inquéritos, decidimos que os excertos áudio deveriam conter partitura anexa (ouvir e ler), áudios só com os intérpretes ou só áudio.

c) Fase final

- Síntese da aula com questões aos alunos.
- Partilha de PowerPoint e guião de aula com as referências bibliográficas.
- Incentivo aos alunos como tarefa de casa, a pesquisa de mais informações sobre os conteúdos abordados.

3.4.2 FORMAÇÃO MUSICAL

AULA N° 1

O tema a ser tratado na aula de formação musical, proposto pelo professor cooperante, foram os Modos Gregorianos. A primeira parte da aula foi uma contextualização histórica dos modos gregorianos seguido de exercícios práticos.

Planificação de Aula
Conteúdo: Modos Gregorianos.

Objetivos:

- Compreender o sistema musical grego e gregoriano relativamente a modos;
- Conhecer os modos: Dórico, Frígio, Lídio e Mixolídio;
- Construir os modos: Dórico, Frígio, Lídio e Mixolídio;
- Identificar/detetar os modos em excertos musicais.

Metodologias de Ensino:

- Introdução a tema: Pequeno discurso dialogante com os discentes, fazendo perguntas sobre o tema, de maneira a incentivar e elevar as expectativas da aula.
- Contextualização histórica aos alunos sobre o sistema musical grego e gregoriano, relativamente aos modos;
- Durante a apresentação histórica, será realizada uma explicação teórica e analítica, toda ela sequenciada, sobre a construção dos modos;
- No final da apresentação, será pedido aos alunos que identifiquem os tons e semitons dos modos que constam na sebenta. Em seguida, correção do exercício;
- Para finalizar a aula, como trabalho de casa, será dada uma ficha a cada aluno, onde terão que identificar os modos autênticos, através de pequenos excertos musicais pautados.

Recursos:

- PowerPoint;
- Excertos musicais;
- Piano;
- Sebenta Institucional.

Duração: 50 min.

Quadro 7: Planificação de Aula (nº 1) - Formação Musical

Antes de iniciar a construção do discurso histórico é importante referir, a preocupação que tivemos na sua elaboração, a comunicação. Sendo uma turma do ensino básico, 8º ano, a exposição do conhecimento deve remeter ao nível da sua perceção, ou seja, um discurso mais acessível, de fácil compreensão e não tão técnico como utilizado no ensino secundário.

Fontes Documentais	
Documentos Textuais	<ul style="list-style-type: none">• Candé, R (2003). <i>História Universal da Música</i>, vol. 1. Porto: Afrontamento.• Cardoso, J. M. P & Borges, M. J. (2003). <i>História da Música – Manual do Aluno do 1º Ano</i>. Lisboa: Sebenta.

	<ul style="list-style-type: none"> • Grout, D. J. & Palisca, C. V. (2001). <i>História da Música Ocidental</i>. Lisboa: Gradiva. • Jenkins, L., Hamilton, C. U., Johnson, S & McCleery, D. (2013). <i>Breve História da Música Ocidental</i>. Lisboa: Bizâncio. • Michels, U. (2003). <i>Atlas de Música I – História da Música desde os primórdios até ao renascimento</i>. Lisboa: Gradiva.
--	--

Quadro 8: Fontes Documentais – Formação Musical

ATIVIDADES REALIZADAS

Para consolidar os conhecimentos adquiridos, realizamos uma ficha de trabalho que incidia em dois exercícios, construção dos modos gregorianos e a sua identificação na partitura.

Referimos que durante a transmissão dos conhecimentos, os alunos ouviram excertos áudio da época com partitura, Épitaphe de Seikilos, e visualizaram um intérprete de música grega antiga a tocar um instrumento da época.




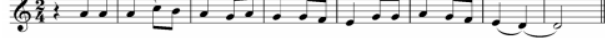
Atividade 1

Construção dos <u>Modos Autênticos</u>	
<p>Referência: Dó Maior</p> <p>a) Modo: _____</p> <p>b) Modo: _____</p> <p>c) Modo: _____</p> <p>d) Modo: _____</p>	<p>Objetivo:</p> <p>Compreender a construção dos modos gregorianos. Identificar os tons e meios tons dos mesmos.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Construir os modos gregorianos, identificando os tons e meios tons de cada um.</p>

Quadro 9: Atividade 1 (aula 1) - Formação Musical

Este tipo de exercício ajudou o aluno a uma melhor perceção sobre a sua construção dos modos gregorianos, percebendo que cada um deles possui uma estrutura diferente referente aos tons e meios tons.

Atividade 2

Identificação dos <u>Modos</u>	
1) Modo: _____ 	Objetivo: Identificar modos gregorianos. Tarefa: Identificar os modos gregorianos presentes na ficha de trabalho.
2) Modo: _____ 	
3) Modo: _____ 	
4) Modo: _____ 	

Quadro 10: Atividade 2 (aula 2) - Formação Musical

Este tipo de exercício, tem como objetivo, incutir uma visão analítica de determinada partitura, neste caso específico, os alunos aprenderam a identificar os modos gregorianos em cada um dos exemplos.

No final da aula, foi proposto aos alunos, como tarefa a apresentar na aula seguinte, a investigação de novos conhecimentos que pudessem não ter sido abordadas na aula, com o objetivo de estimular a procura pelo desconhecido.

AULA Nº 2

Planificação de Aula
Conteúdo: Modos gregorianos; Modo Dórico
Objetivos: <ul style="list-style-type: none">• Compreender os modos plagais e quais os maiores e menores;• Identificar o modo dórico numa canção popular;• Criar um ostinato rítmico, para acompanhar uma canção popular;• Desenvolver a coordenação motora.
Metodologias de Ensino: <ul style="list-style-type: none">• Através da exposição dialogante, realização de revisões sobre a matéria dada na aula anterior.

- Realização de esquemas no quadro, serão explicados os modos plagais, e quais os modos maiores e menores.
- De seguida, o professor vai explicar como podemos detetar o modo num excerto musical, através da finalis, tenor e o âmbito.
- Serão realizados no quadro dois excertos musicais, onde os alunos escolhidos terão que ir ao quadro e identificar o modo.
- Os alunos vão trabalhar a canção: São João, Malpica do Tejo, Castelo Branco.
- Numa primeira parte os alunos vão identificar a repercussão, a finalis e o âmbito da canção, e logo de seguida identificar o modo.
- Na segunda parte, será trabalhado o ritmo da palavra das duas primeiras estrofes da canção. Após este trabalho, os alunos cantarão a canção com ritmo e nome de notas. Finalmente realizarão a canção na integra.
- Será lançado o desafio para que cada fila crie um ostinato rítmico e o toque, enquanto cantam a melodia.

Recursos:

- Quadro;
- Piano;
- Instrumentos Orff de percussão;
- Sebenta Institucional.

Duração: 50 min.

Quadro 11: Planificação de Aula (n.º 2) - Formação Musical


Ao iniciar a aula realizamos um pequeno resumo do que foi falado na aula anterior, lançando questões e esclarecendo dúvidas, como também ouvimos os alunos sobre as informações que tinham recolhido sobre a pesquisa realizada.

Atividade 1

Continuando no processo analítico, foi explicado aos alunos, através de esquemas escritos no quadro, à estrutura dos modos plagais, como também a identificação da finalis (tónica), tenor (dominante) e o âmbito num modo. Para assimilar os conhecimentos, foi escrito no quadro vários exemplos, procedendo à identificação do modo, finalis, tenor e âmbito.

Atividade 2

Na atividade 2 trabalhamos com os alunos a canção São João, Malpica do Tejo, Castelo Branco.

	<p>Objetivo:</p> <p>Vivenciar melodicamente o modo dórico.</p> <p>Identificar qual o modo, finalis, tenor e âmbito da canção.</p> <p>Desenvolver a criatividade musical, criando ostinatos rítmicos para acompanhar a canção.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Identificar o modo, finalis, tenor e âmbito da canção.</p> <p>Criar ostinatos rítmicos para acompanhar a melodia.</p>
---	---

Quadro 12: Atividade 2 (aula 2) - Formação Musical.

O trabalho das canções na disciplina de formação musical é uma estratégia muito importante para o desenvolvimento analítico, melódico e criativo dos alunos.

Na fase inicial, num processo analítico, identificaram o modo, a finalis, o tenor e o âmbito. Como sugere Torres, 1998 (53 – 75), utilizamos algumas estratégias para trabalhar a aprendizagem da canção. Em primeiro lugar, principiámos com a rítmica da palavra, acompanhada de percussão corporal, em segundo lugar, entoar a melodia com o nome de notas, através de frases melódicas curtas, por último cantar a canção na íntegra, utilizando o balanço do corpo como pulsação. Como estímulo à improvisação, cada um dos alunos, com auxílio do instrumental Orff de percussão, improvisou um ritmo tocado como acompanhamento ao longo da canção.

No final da aula, incentivando os alunos à composição, pedimos que cada um criasse um ostinato rítmico para apresentar na aula seguinte.

AULA Nº 3

Planificação de Aula
<p>Conteúdo: Modos gregorianos.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Compreender os modos gregorianos autênticos;• Compreender e realizar a transposição.• Reconhecer auditivamente frases rítmicas a duas partes, com unidade de tempo à semínima.• Desenvolver coordenação motora. <p>Metodologias de Ensino:</p> <ul style="list-style-type: none">• Correção dos trabalhos de casa, de forma a consolidar os conteúdos dados.• Alunos cantam a canção “São João” Malpica do Tejo, Castelo Branco, com apoio dos ostinatos rítmicos de 1 e 2 compassos, criados por estes como TPC. A realização do ostinato rítmico é executada em instrumentos Orff de percussão.• Transposição de uma melodia no modo Dórico em Ré para MI.• Alunos transcrevem uma melodia no modo Dórico em Ré para MI.• Correção do exercício e posteriormente cantar a melodia transposta.• Ditado rítmico a duas partes: <p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Quadro;• Piano;• Instrumentos Orff de percussão;• Sebenta Institucional.• Ficha de trabalho. <p>Duração: 50 min.</p>

Quadro 13; Planificação de Aula (nº 3) - Formação Musical

Ao iniciar a aula pedimos que cada um dos alunos apresentasse os ostinatos rítmicos criados para a canção “São João” Malpica do Tejo, Castelo Branco, a turma cantou enquanto cada um dos alunos demonstravam os seus ritmos tocados no instrumental Orff.


Atividade 1

<p style="text-align: center;">Ficha de Trabalho</p> <p>1. Canção tradicional inglesa “<i>Scarborough Fair</i>”.</p> <p>1.1. Identifica a <u>finalis</u>, <u>repercussa</u>, <u>âmbito</u> e o <u>modo</u> da canção.</p> <p style="text-align: center;">Scarborough Fair <small>(Canção tradicional Inglesa)</small></p>  <p><u>Finalis:</u> _____ <u>Repercussa:</u> _____ <u>Âmbito:</u> _____</p> <p style="text-align: center;"><u>Modo</u></p> 	<p>Objetivos:</p> <p>Vivenciar melodicamente o modo dórico;</p> <p>Identificar o modo, finalis, repercussa e âmbito da melodia.</p> <p>Tarefa:</p> <p>Cantar com o nome de notas a melodia;</p> <p>Identificar o modo, finalis, repercussa e âmbito da melodia.</p>
---	---

Quadro 14: Atividade 1 (aula 3) - Formação Musical.

A partir da canção apresentada na ficha de trabalho, Scarborough Fair, canção tradicional inglesa, os alunos cantaram-na com o nome de notas, trabalhando auditivamente o modo dórico, seguindo-se a identificação da repercussa, finalis e o âmbito da mesma.

Atividade 2

<p>1.2. Transcreve-a para o <u>Modo Dórico em Mi</u>.</p> 
<p>Objetivo:</p> <p>Compreender a transposição de uma melodia;</p> <p>Transpor a melodia trabalhada para o modo dórico em mi.</p> <p>Tarefa:</p>

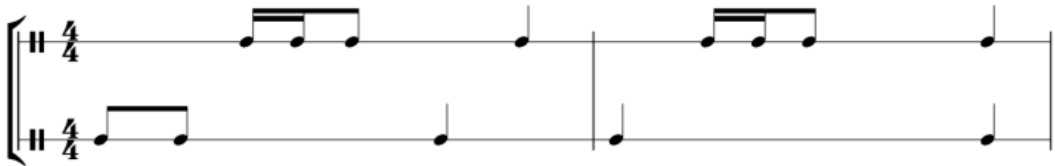
Transpor a melodia para o modo dórico em mi;
Cantar a melodia transposta.

Quadro 15: Atividade 2 (aula 3) - Formação Musical.

A partir da canção, os alunos transpuseram-na para o modo dórico em mi, prosseguindo a correção do exercício. Em seguida cantaram a melodia transposta, acompanhada de um ostinato rítmico, percutindo com instrumental Orff.

Atividade 3

2. Ditado rítmico a duas vozes.



Objetivo:
Compreender e identificar auditivamente as duas vozes rítmicas.

Tarefa:
Identificar auditivamente as duas vozes rítmicas.

Quadro 16: Atividade 3 (aula 3) - Formação Musical.

Como exercício final de aula, os alunos realizaram um ditado rítmico a duas vozes. Para uma melhor compreensão do exercício colocamos no quadro as figuras e células rítmicas possíveis do exercício, entoando cada uma delas para melhorar a sua percepção auditiva.

CONCLUSÕES FINAIS

Método expositivo, tradição ou inovação? Na visão da comunidade educativa, professores, alunos e encarregados de educação, olham para o seu uso como um pecado educacional, um método ultrapassado, que não traz benefícios para a aprendizagem, uma ideia que nos propusemos refletir no presente trabalho.

O método surge a partir da revolução industrial, com um objetivo educacional de massas, propondo um ensino igual para todos, recorrendo à transmissão de conhecimentos pela cátedra, num ambiente silencioso e autoritário. Com o passar dos anos, a tecnologia avançou de um modo estonteante, provocando alterações no modo de pensar da comunidade educativa, através de uma maior facilidade de acesso a conhecimento. É neste momento, que para nós, a escola e o professor não estiveram preparados para os novos desafios pedagógicos, na medida em que o novo tipo de aluno em sala de aula, problematizava as estratégias e escolhas pedagógicas do professor, demonstrando ser um método ultrapassado, abrindo espaço à discussão e implementação de novas metodologias de ensino. Questionou-se então o método expositivo sendo para muitos o principal culpado da falta de motivação, da incapacidade de proporcionar a construção do conhecimento, sem ser através da transmissão e memorização.

Para ultrapassar estas dificuldades, a comunidade docente, procurou outro tipo de metodologias que fizessem frente às adversidades sentidas durante a sua lecionação, mas do nosso ponto de vista, gerou-se o paradigma da procura da receita infalível que pudesse curar as feridas da educação imposta pela metodologia do passado. No nosso entendimento e após o estudo realizado, todas as metodologias de ensino são importantes para a construção do conhecimento, possuindo vantagens e desvantagens. O modo como o professor aplica uma ou várias metodologias será, porém, determinante para alcançar aprendizagens significativas. O docente antes de lecionar deve ter em consideração alguns pontos-chave designadamente o conhecimento das várias metodologias, o entendimento do tipo de turma e aluno a quem vai lecionar, a noção do espaço físico e os recursos existentes em sala de aula, e naturalmente a preparação antecipada dos conteúdos que vai ensinar. Procedendo deste modo pode decidir analisar quais são as melhores estratégias potencializadoras da aprendizagem.

A utilização do método expositivo é um tema controverso na comunidade educativa, apreciado e rejeitado pelos vários agentes educativos. Na nossa opinião, a implementação do método expositivo tradicional não demonstra ser vantajoso para a aprendizagem dos conhecimentos ao contrário da

exposição dialogante. Esta metodologia advém das inovações impostas ao tradicionalismo, procurando aulas dialogantes, motivadoras e de incentivo à construção do conhecimento.

Na nossa intervenção pedagógica utilizamos o método expositivo dialogante, que na nossa visão, demonstrou ser uma pedagogia eficaz para a construção do conhecimento em sala de aula, se bem aplicada, transmitindo os conteúdos através do diálogo, colocando questões, realizando debates, promovendo e incentivando a edificação de um pensamento crítico e analítico.

Finalizando, consideramos a exposição dialogante uma metodologia inovadora, que proporciona aprendizagens profícuas em todos os intervenientes em sala de aula: o professor e seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bernardes, B. G. (2015). *A Liberdade do ser: Ensino em Agostinho da Silva e Paulo Freire*. Cultura Cruzadas em Português – Redes de Poder e Relações Culturais (Portugal – Brasil, Séc. XIX e XX), volume III, 2. Consultado em Agosto 18, 2020, em http://www.academia.edu/9622282/A_Liberdade_do_Ser_Ensino_em_Agostinho_da_Silva_e_Paulo_Freire

Buch, E. (2005). *A Nona Sinfonia de Beethoven*. Lisboa: Terramar.

Campos, A. M. F. (2011). *Novos rumos da educação no Estado Novo: influência da abertura da economia portuguesa no pós – II Guerra Mundial no sistema de ensino português*. Coimbra, 1. Consultado em Julho 22, 2020 em http://www4.fe.uc.pt/aphes31/papers/sessao_4b/ana_campos_paper.pdf

Candé, R (2003). *História Universal da Música*, vol. 1. Porto: Afrontamento.

Cardoso, J. M. P & Borges, M. J. (2003). *História da Música – Manual do Aluno do 2º Ano*. Lisboa: Sebenta.

Castagna, P. (2011). *História da música como oportunidade para o desenvolvimento humano*. XXI Congresso da ANPPOM, Uberlândia, 512. Consultado em Setembro 3, 2019, em <https://archive.org/details/HistoriaDaMusicaComoOportunidadeParaODesenvolvimentoHumano>

Chaffer, J., Taylor, L. (1985). *A história e o professor de história*. Lisboa: Livros Horizonte.

Coimbra, C. L. (2016). *A Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva Freireana*. XVIII ENDIPE -Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira, 7260 – 7272. Consultado em Junho 10, 2020, em https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_11007_38150.pdf

Crato, N. (2006). *O “Eduquês” em discurso directo – Uma crítica da pedagogia romântica e construtivista*. Lisboa: Gradiva.

Einstein, A. (1947) *Music in The Romantic Era*. London: Norton & CO

Ferro, A. M. (1999). *O Método Expositivo*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Fonseca, S. G. (2003). *Didática e Prática de Ensino de História*. São Paulo: Papyrus Editora.

Godoy, A. S. (2000). III - *Reverendo a aula expositiva*. 75 – 82. Consultado em Junho 10, 2020, em http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2015001048260c2557992ef17fc071fba/Godoy__Reverendo_a_Aula_Expositiva.pdf.

Grout, D. J. & Palisca, C. V. (2001). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva.

Jenkins, L., Hamilton, C. U., Johnson, S & McCleery, D. (2013). *Breve História da Música Ocidental*. Lisboa: Bizâncio.

Lopes, J & Silva, H. S. (2011). *O Professor Faz a Diferença*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.

Michels, U. (2007). *Atlas da Música II – Do Barroco à Actualidade*. Lisboa: Gradiva.

Monteiro, M. C. (2003). *O Ensino da História numa Escola em Transformação*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Moreira, J. M. (2001). *Ensinar história, hoje*. Revista da Faculdade de Letras História, Porto III Série, vol. 2, 33 – 39.

Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação. Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Oliveira, A. (2019). *O Impacto da Revolução Tecnológica na Educação*. Publico. Consultado em Dezembro 2, 2019 em <https://www.publico.pt/2019/12/02/opinioao/opinioao/impacto-revolucao-tecnologica-educacao-1895767>

Paynter, J. (2000). *Estudo comparativo de metodologias de educação musical abordagens temáticas*. Associação Portuguesa Educação Musical, nº 106, 4. Consultado em Novembro 17, 2017 em http://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/Ar106_js_PAYNTER_J.pdf

Prats, J. (2006). *Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 191 – 218. Consultado em Junho 10, 2020, em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5540/4054>

Platinga, A. (1947) *La Música romántica*. Madrid: Akal música

Poggi, A. & Vallora, E. (1995) *Beethoven reportório completo*. Madrid: Editiones Cátedra.

Postic, M. (1975). *Observação e Formação de Professores*. Coimbra: Almedina.

Ribeiro, C. (2007). *A aula magistral ou simplesmente a aula expositiva*. Viseu: Universidade Católica Portuguesa. Centro Regional das Beiras. Departamento de Letras, 189 – 200. Consultado em Junho 10, 2020 em https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23557/3/Mathesis16_artigo9.pdf?ln=pt-pt

Ribeiro, G. M. (2012). *O ensino da História*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Roldão, M. C. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*. V. N. Gaia: Fundação Manuel Leão.

Roldão, M. C. (1987). *Gostar de História – Um desafio pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.

Sauaia, A. C. A. *A aula expositiva centrada no participante: um modelo baseado em jogos de empresas*, 2 – 16. Consultado em Junho 11, 2020 em https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/64015/Aula_Expositiva_Centrada_no_Participante_um_Modelo_baseado_em_Jogos_de_Empresas.pdf?sequence=1

Swanwick, K. (1990). *Educação musical numa sociedade pluralista*. Associação Portuguesa de Educação Musical, n° 65, 10. Consultado em Novembro 17, 2017 em http://www.apem.org.pt/page14/downloads/files/art_boletim_65.pdf

Tapia, J. A. & Fita, E. C. (2015) *A motivação em sala de aula*. São Paulo: Edições Layola.

Torres, R. M. (2015). *As Canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música*. Alfragide: Caminho

Vasconcellos, C. dos S. (1992). Metodologia Dialética em Sala de Aula. In: Revista de Educação AEC, Brasília, n° 83. Consultado em Novembro 17, 2017 em <http://www.celsovasconcellos.com.br/Textos/MDSA-AEC.pdf>.

ANEXOS

Anexo 1 – Inquérito realizado aos alunos do ensino secundário, 10º e 11º anos, na disciplina de História e Cultura das Artes.

Inquérito Nº 1

Grupo I

1. Gostas da disciplina de História e Cultura das Artes? (Coloca um **X**, na resposta que achares mais adequada).

Sim	
Não	

- 1.1 Se sim, porquê? (Coloca um **X** nas respostas que achares mais adequadas).

Gosto de estudar os acontecimentos passados.	
Gosto de estudar sobre os compositores e as obras que compuseram	
Acho a História da Música importante para a minha formação como músico	
Acho a disciplina interessante e motivadora	

- 1.1. Se não, porquê? (Coloca um **X** nas respostas que achares mais adequadas).

Não gosto de estudar os acontecimentos passados	
Não me interessa por história de uma maneira geral	
Não acho a disciplina necessária para a minha formação como músico	
Não acho a disciplina motivadora	

2. Como são as aulas de História e Cultura das Artes? (Coloca um **X** nas respostas que achares mais adequadas).

O professor expõe a matéria e escrevemos apontamentos	
Ouvimos música e falámos do que ouvimos	
O professor expõe a matéria e vai dialogando com os alunos, fazendo perguntas e esclarecendo dúvidas	
Vemos <i>Powerpoint</i>	
Ouvimos música	
Ouvimos música e seguimos pela partitura	
Preenchemos fichas de trabalho	
Fazemos trabalhos de grupo	
Lemos textos sobre a matéria	

3. Coloca por ordem de preferência de **1 a 6**, **sendo o nº 1 o que mais gostas e o nº 6 o que menos gostas** de fazer nas aulas de História e Cultura das Artes.

Ver vídeos	
Fazer trabalhos de grupo	
Ouvir o professor e colocar questões	

Ler textos	
Ouvir excertos musicais	
Debater questões relacionadas com a aula	

4. O que mais cativa nas aulas de História e Cultura das Artes? *(Coloca um **X** nas respostas que achares mais adequadas)*

Estudo da música de todas as épocas	
Análise de partituras	
Leitura de artigos e manuscritos da época.	
A história dos compositores	
Imagens da época.	
Arquitetura/Literatura/Pintura da época.	
Audição de excertos musicais.	

5. As aulas de História têm uma duração de 100 min, preferes ter os dois tempos seguidos ou separados por intervalo?

100 min seguidos.	
50 min + 50 min com intervalo.	

6. Se respondeste à segunda opção, e partindo que na primeira parte da aula o professor expõe a matéria, como preferes a segunda parte da aula?

Realizar trabalhos em grupo	
Continuar a matéria dada pelo professor	
Realizar debates	
Assistir a documentários	
Analisar partituras e ler artigos da época	

1. Para ter sucesso na disciplina de História e Cultura das Artes é preciso? *(Coloca um **X** nas respostas que achares mais adequadas).*

Decorar a matéria	
Escutar o professor e tirar apontamentos.	
Pesquisar e estudar através de livros, artigos, documentos, partituras, excertos áudios.	
Não fazer nada.	

Grupo II

1. Gostas de ouvir excertos musicais, durante a aula?

Sim	
Não	

2. Como preferes ouvir os excertos musicais? (Coloca por ordem de preferência de **1 a 4**, ***sendo o nº 1 o que mais gostas e o nº 4 o que menos gostas***).

Ouvir só áudio	
Ouvir o áudio e ter acesso a um guia de audição.	
Ouvir o áudio e seguir com a partitura.	
Ouvir o áudio e ver o vídeo do intérprete.	

3. Gostas de observar *Powerpoint* durante as aulas?

Sim	
Não	

3.1. Se sim, porquê? *(Coloca um X nas respostas que achares mais adequadas)*

Facilita a compreensão da matéria dada pelo professor.	
Estou mais concentrado na aula.	
Posso observar imagens, partituras, artigos da época.	
Aprendo melhor	

3.2. Se não, porquê? *(Coloca um X nas respostas que achares mais adequadas).*

Não facilita a compreensão dos conteúdos da aula	
A aula é monótona	
É- me indiferente o uso do <i>powerpoint</i>	
Não aprendo tão bem	

4. Gostas de realizar trabalhos de grupo?

Sim	
Não	

4.1. Se sim, porquê? *(Coloca um X nas respostas que achares mais adequadas)*

Ajuda no estudo de determinada matéria.	
Serve como apoio de estudo ao teste.	
Aumenta o meu conhecimento sobre determinado assunto.	
Incentiva a procura de novos conhecimentos.	

4.2. Se não, porquê? *(Coloca um X nas respostas que achares mais adequadas)*

Não é benéfico para o meu estudo.	
Não fornece qualquer tipo de apoio ao estudo.	
Não aumenta o conhecimento sobre determinado assunto.	
Não incentiva em nada.	

5. Qual destes materiais usas como apoio ao estudo, na preparação do teste? *(Coloca um X nas respostas que achares mais adequadas)*

Apontamentos das aulas	
------------------------	--

<i>Powerpoint</i>	
Livros, artigos, documentos	
Trabalhos de grupo/individuais.	
Partituras	
Excertos Áudio	
Estudar pela sebenta	

Obrigado pela participação!!!

Anexo 2 – Grelhas de Observação de Aulas.

Disciplina		Formação Musical	
Professor			
Data		Hora	
Turma		Sala	
Duração		Lição	
Recursos/ Materiais			
Sumário			

Parâmetros		S	P	E	M
		O	E	E	E
Comunicação educativa	Promove a comunicação Professor-aluno.				
	Promove a comunicação Aluno-professor.				
	Promove a comunicação Aluno-aluno.				
	Usa a comunicação Não-verbal.				
Promoção de aprendizagens	Ajustadas ao programa, planificações e sumário.				
	Equilibrando o exercício da autoridade.				
	Ajustadas aos alunos e às suas diferentes necessidades.				
	Mobilizando conhecimentos e experiências prévias.				
	Evidenciando rigor científico e linguagem adequada.				
	Utilizando recursos informáticos consoante as atividades.				
	Utilizando materiais pedagógicos adequados.				
Noutros contextos.					
Gestão da aula	Boa gestão do tempo de aula.				
	Adequa, com flexibilidade, o processo de ensino-aprendizagem quando necessário.				
	Boa gestão de possíveis situações problemáticas.				
	Boa sequenciação e estruturação das atividades da aula.				
Atitudes dos alunos	Demonstram respeito pelo professor e pelos colegas.				
	Demonstram empenho e uma atitude positiva.				
	Demonstram uma boa postura e conduta.				

Legenda: PE-Pouco evidente E-Evidente ME- Muito evidente SO- Sem opinião

Parâmetros	Desempenhos a observar
Funcionamento das atividades, estratégias, metodologias e materiais	
Avaliação dos alunos	
Outras observações	

